



**ACADEMIA MILITAR**

**TREINO DE COMBATE EM ÁREAS URBANAS AOS BAIXOS ESCALÕES**

**ESTUDO DE CASO DO IRAQUE**

**Autor:** Aspirante Aluno de Infantaria Bruno Marques dos Reis

**Orientador:** Tenente Coronel de Engenharia Artur Caracho

**Coorientador:** Major de Infantaria João Reis

**Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, maio de 2019**



**ACADEMIA MILITAR**

**TREINO DE COMBATE EM ÁREAS URBANAS AOS BAIXOS ESCALÕES**

**ESTUDO DE CASO DO IRAQUE**

**Autor:** Aspirante Aluno de Infantaria Bruno Marques dos Reis

**Orientador:** Tenente Coronel de Engenharia Artur Caracho

**Coorientador:** Major de Infantaria João Reis

**Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, maio de 2019**

## **EPÍGRAFE**

“Quanto mais suares no treino, menos vais sangrar no campo de batalha”

George S. Patton

## DEDICATÓRIA

A toda a minha família e à minha namorada, pelo apoio em todos os momentos.

A eles, devo tudo o que consegui alcançar.

## AGRADECIMENTOS

O Relatório Científico do Trabalho de Investigação Aplicada (RCTIA) é o culminar de uma longa caminhada, que exigiu extensas horas de trabalho e dedicação, que incluí uma trajectória permeada por inúmeros altos e baixos, desafios, alegrias, incertezas e muitos percalços pelo caminho. Apesar deste processo solitário a que qualquer investigador está destinado, foi indispensável a ajuda de várias pessoas, que me ajudaram a encontrar o melhor caminho em cada momento. Trilhar este caminho só foi possível com o apoio e paciência muitas vezes, de várias pessoas, a quem dedico especialmente este trabalho. De forma a manifestar a minha gratidão, aqui lhes deixo uma simbólica referência.

Ao meu orientador, Tenente-Coronel de Engenharia Artur Caracho, que no desempenhar das suas funções sempre demonstrou total disponibilidade, aconselhamento e espírito crítico. Aqui deixo a minha gratidão.

Ao meu co-orientador, Major de Infantaria João Reis, pela sua disponibilidade constante, auxílio e paciência na transmissão de conhecimentos essenciais para conseguir realizar esta investigação académica. Agradeço também por todos os esforços que fez para conseguir tornar possível o trabalho de campo na Legião Espanhola. Acima de tudo, obrigado por me fazer “seguir sempre aquilo em que acredito”. Deixo aqui os meus sinceros agradecimentos.

Ao Erasmus+, pela oportunidade de conseguir realizar este trabalho, mais propriamente o trabalho de campo numa unidade Espanhola, que foi uma enorme motivação para a realização desta investigação, e espero que abra portas para que futuros alunos tenham também esta oportunidade.

À Brigada de Infantaria Ligeira “Rei Alfonso XIII” II da Legião Espanhola, por todas as condições que me proporcionou para conseguir realizar este estudo da melhor forma.

À Companhia que me acolheu, a 2º Companhia do 7º Batalhão “Valenzuela”, que me integrou da melhor maneira, fazendo me sentir parte dessa “família”. A todos os Oficiais, Sargentos e Praças da 2º Companhia, um muito obrigado.

Ao Tenente de Infantaria Peris, que me acompanhou durante os dois meses nesta unidade, obrigado meu Tenente por toda a ajuda, conselhos e conversas. Será certamente uma referência para mim.

À minha família e amigos, por todo o apoio e incentivo que me deram ao longo destes anos de Academia.

Aos meus pais e irmã, por serem sempre o meu exemplo a seguir e me ensinarem a “dar sempre o meu melhor em todas as tarefas”.

À minha namorada, pela amizade, generosidade e por sempre me acompanhar ao longo desta caminhada.

Por fim, o meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram, de um modo ou de outro, para tornar possível a concretização desta dissertação.

## RESUMO

A presente investigação, subordinada ao tema “Treino de combate em áreas urbanas aos baixos escalões - Estudo de caso do Iraque”, tem como objetivo compreender que implicações devem ser consideradas durante o treino de combate em áreas urbanas ministrado pelo Exército Espanhol às forças de segurança iraquianas. A metodologia empregue nesta investigação é uma metodologia qualitativa e o método de estudo utilizado é o estudo de caso. As fontes de recolha de dados envolveram 17 entrevistas semiestruturadas, observação direta com base em notas de campo e análise documental. O trabalho de campo realizou-se durante dois meses na Brigada de Infantaria Ligeira “Rey Alfonso XIII” II da Legião (BRILEG), Terço “Don Juan de Austria” 3º da Legião, Almeria, Espanha.

Os resultados sugerem que, uma das primeiras dificuldades com que os militares espanhóis se deparam aquando da chegada ao Iraque, foi a própria audiência iraquiana que iriam instruir. Isto por diversos fatores como: a dificuldade em motivar aqueles militares para o treino; o seu baixo nível técnico; a incapacidade de controlar a assiduidade da audiência; a diferença de experiência técnica; a falta de uma estrutura organizacional sólida das unidades iraquianas aos baixos escalões; e a inexistência de liderança por parte dos comandantes iraquianos. De acordo com todos os entrevistados, são necessárias também algumas alterações à estrutura dos *Battalion Training Team*, no sentido de haver mais instrutores, tradutores e facilitadores. Relativamente a estes últimos, é importante também que tenham uma melhor preparação, no sentido de serem dotados de mais conhecimentos de outros dialetos falados no iraque e não apenas o árabe comum. Se queremos instruir e profissionalizar as forças de segurança iraquianas é necessário primeiro, melhorar a estrutura organizacional das suas unidades, principalmente aos baixos escalões, assim como uniformizar procedimentos, principalmente no que diz respeito ao combate em áreas urbanas, de modo a que todos os países instruem da mesma forma. Todos os entrevistados são da opinião que deveria ser criado um manual básico comum, de modo a unificar procedimentos. Por último, seria importante também a existência de um seguimento destas unidades, com o intuito de perceber se estas forças, quando regressam às suas unidades após o tempo de instrução, realmente continuam a implementar os procedimentos ministrados.

**Palavras-chave:** Treino; Combate em áreas urbanas; Forças de segurança iraquianas; Exército Espanhol; Iraque.

## ABSTRACT

The present investigation, under the theme "Combat Training in Low-Level Urban Areas - Iraq Case Study", aims to understand what implications should be considered during combat training in urban areas given by the Spanish Army to the Iraqi security forces.

The methodology used in this investigation is a qualitative methodology and the study method used is the case study.

The data sources used consist of 17 semi-structured interviews, direct observation based on field notes and documentary analysis. The field work was carried out during two months in the Light Infantry Brigade "Rey Alfonso XIII" II of the Legion (BRILEG), Tercio "Don Juan de Austria" 3rd of the Legion, Almeria, Spain.

The results suggest that one of the first difficulties faced by the Spanish military upon arrival in Iraq was the Iraqi audience they were going to instruct itself. This is due to several factors such as: the difficulty in motivating those soldiers for training; their low technical level; the inability to control audience attendance; the difference of technical experience; the lack of a solid organizational structure of Iraqi units at the lower echelons; and the lack of leadership on the part of the Iraqi commanders. According to all the interviewees, there are also some changes to the structure of the Battalion Training Team, in the sense of having more instructors, translators and facilitators. With regard to the latter, it is also important that they have a better preparation, in the sense of being endowed with more knowledge of other dialects spoken in Iraq other than just ordinary Arabic.

If we want to educate and professionalize the Iraqi security forces, it is first necessary to improve the organizational structure of their units, especially at the lower levels, and to standardize procedures, especially with regard to fighting in urban areas, so that all countries train in the same way. All the interviewees are of the opinion that a common basic manual should be created in order to unify procedures.

Finally, it would also be important to have a follow-up of these units, in order to understand if these forces, when they return to their units after the time of instruction, actually continue to implement the procedures given.

**Keywords:** Training; Combat in urban areas; Iraqi security forces; Spanish Army; Iraq.



## ÍNDICE GERAL

<b>EPÍGRAFE .....</b>	<b>ii</b>
<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>iii</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>iv</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>vi</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>x</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS.....</b>	<b>xi</b>
<b>LISTA DE APÊNDICES .....</b>	<b>xii</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>xiii</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....</b>	<b>xiv</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>5</b>
1.1. Perspetiva geral .....	5
1.1.1. Análise bibliométrica .....	6
1.1.2. Guerra Urbana .....	8
1.2. Treino Militar .....	11
1.3. Forças de Segurança Iraquianas .....	11
<b>CAPÍTULO 2. METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
2.1. Abordagem .....	16
2.2. Método .....	16
2.3. Fontes de recolha de dados.....	17
2.3.1. Documentação .....	19
2.3.2. Entrevistas .....	20
2.3.2.1. Amostra .....	21
2.3.3 Observação direta.....	23
2.4. Análise de dados.....	24
2.5. Validade e fiabilidade.....	25
<b>CAPÍTULO 3. RESULTADOS .....</b>	<b>26</b>
3.1. Audiência de treino Iraquiana .....	27
3.2. Estrutura .....	28
3.3. Sociedade Urbana.....	30
3.4. Treino de combate em áreas urbanas .....	31

3.5. Procedimentos de combate em áreas urbanas .....	33
<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES</b>	
Apêndice A – Guião do Inquérito por Entrevista Exploratória.....	I
Apêndice B – Termos de Consentimento.....	III
Apêndice C – Termos de Consentimento.....	V
Apêndice D – Dados do Entrevistado .....	VII
Apêndice E – Análise de conteúdo (Audiência Iraquiana) .....	VIII
Apêndice F – Análise de conteúdo (Estrutura) .....	XII
Apêndice G – Análise de conteúdo (Sociedade Urbana) .....	XIX
Apêndice H – Análise de conteúdo (Treino de combate em áreas urbanas).....	XXII
Apêndice I – Análise de conteúdo (Procedimentos de combate em áreas urbanas) .....	XXVIII
Apêndice J – Esboço da estrutura da Equipa de Instrutores da Brigada em 2018 .....	XXXIII
Apêndice K – Aparelhos de visão noturna.....	XXXIV
Apêndice L – Sala negra .....	XXXV
<b>ANEXOS</b>	
Anexo A – Estrutura do Serviço de Contraterrorismo .....	XXXVII
Anexo B – Emprego de tradutores .....	XXXVIII
Anexo C – Programme of Instruction .....	XL
Anexo D – Exemplo de um Programme of Instruction de combate em áreas urbanas utilizada no Iraque .....	XLII

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 – Artigos publicados anualmente (EBSCO.com) .....	6
Figura n.º 2 – Termos do assunto 2003/2004 (frequência de utilização > = 4) .....	7
Figura n.º 3 – Tríade urbana .....	10
Figura n.º 4 – Universo, população, amostra e sujeito .....	23
Figura n.º 5 – Etapas do processo de análise de conteúdo .....	24
Figura n.º 6 – Guia idiomático .....	XVII
Figura n.º 7 – Pronuncia espanhol - árabe .....	XVIII
Figura n.º 8 – Kill Box .....	XXV
Figura n.º 9 – Key Pad .....	XXVI
Figura n.º 10 – DMPI .....	XXVI
Figura n.º 11 – Posições combinadas .....	XXXI
Figura n.º 12 – Estrutura de uma Equipa de Instrutores de Brigada .....	XXXIII
Figura n.º 13 – AN/PVS 14 Monocular (Fabrico Americano) .....	XXXIV
Figura n.º 14 – Binocular visão noturna (Fabrico Espanhol) .....	XXXIV
Figura n.º 15 – Sala negra .....	XXXV
Figura n.º 16 – Estrutura do Serviço de Contraterrorismo .....	XXXVII
Figura n.º 17 – O que é um tradutor? .....	XXXVIII
Figura n.º 18 – Classes de tradutores .....	XXXVIII
Figura n.º 19 – Vantagens e desvantagens dos tradutores .....	XXXIX
Figura n.º 20 – Considerações a ter em conta com os tradutores .....	XXXIX

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Abordagem metodológica .....	6
Quadro n.º 2 – Fontes de recolha de dados utilizadas (1/2) .....	18
Quadro n.º 3 – Tipos de entrevistas.....	20
Quadro n.º 4 – Categorias.....	26
Quadro n.º 5 – Identificação dos entrevistados .....	VII
Quadro n.º 6 – Audiência iraquiana .....	VIII
Quadro n.º 7 – Estrutura .....	XII
Quadro n.º 8 – Sociedade urbana .....	XIX
Quadro n.º 9 – Treino de combate em áreas urbanas .....	XXII
Quadro n.º 10 – Procedimentos de combate em áreas urbanas .....	XXVIII

## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Guião do inquérito por entrevista exploratória .....	I
Apêndice B – Termos de consentimento.....	III
Apêndice C – Entrevista Semiestruturada.....	V
Apêndice D – Identificação dos entrevistados .....	VII
Apêndice E – Análise de conteúdo (Audiência iraquiana) .....	VIII
Apêndice F – Análise de conteúdo (Estrutura) .....	XII
Apêndice G – Análise de conteúdo (Sociedade urbana) .....	XIX
Apêndice H – Análise de conteúdo (Treino de combate em áreas urbanas).....	XXII
Apêndice I – Análise de conteúdo (Procedimentos de combate em áreas urbanas) .....	XXVIII
Apêndice J – Esboço da estrutura da Equipa de Instrutores da Brigada em 2018 .....	XXXIII
Apêndice K – Aparelhos de visão noturna.....	XXXIV
Apêndice L – Sala negra .....	XXXV

## LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Estrutura do Serviço de Contraterrorismo .....	XXXVII
Anexo B – Emprego de tradutores .....	XXXVIII
Anexo C – Programme of Instruction .....	XL
Anexo D – Exemplo de um Programme of Instruction de combate em áreas urbanas utilizada no Iraque .....	XLII

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

<b>AM</b>	Academia Militar
<b>APA</b>	<i>American Psychological Association</i>
<b>ARCENT</b>	<i>Army Central Command</i>
<b>ATP</b>	<i>Allied tactical publication</i>
<b>ATrainP</b>	<i>Allied training publication</i>
<b>BDSTT</b>	<i>Bomb disposal school training team</i>
<b>BTT</b>	<i>Battalion training team</i>
<b>CAU</b>	Combate em áreas urbanas
<b>CCTT</b>	<i>Casualty care training team</i>
<b>C-IED</b>	<i>Counter-improvised explosive device</i>
<b>CJO</b>	<i>Combine Joint Operation</i>
<b>CJTF-OIR</b>	<i>Combine Joint Task-Force-Operation Inherent Re- solve</i>
<b>CSTT</b>	<i>Combat support training team</i>
<b>CTT</b>	<i>Company training team</i>
<b>CZZUU</b>	<i>Combate en zonas urbanizadas</i>
<b>DH</b>	Direitos Humanos
<b>EDS</b>	<i>EBSCO Discovery Service</i>
<b>EI</b>	Estado Islâmico
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>et. al</b>	<i>et alia</i> que significa "e outros"
<b>FFSI</b>	Fundo para as forças de segurança iraquianas
<b>FM</b>	<i>Field manual</i>
<b>FSI</b>	Forças de Segurança Iraquianas
<b>FSTT</b>	<i>Fire support training team</i>
<b>GI</b>	Governo Iraquiano
<b>GTI</b>	<i>Global Terrorism Index</i>
<b>i.e.</b>	<i>id est</i> que significa “isto é”
<b>IEP</b>	<i>Institute for Economics and Peace</i>
<b>I GM</b>	I Guerra mundial
<b>II GM</b>	II Guerra mundial

<b>ISIS</b>	<i>Islamic state of Iraq and Syria</i>
<b>IUM</b>	Instituto Universitário Militar
<b>JFLCC</b>	<i>Joint Forces Land Component Command</i>
<b>MAI</b>	Ministério da Administração Interna
<b>MD</b>	Ministério da Defesa
<b>MONA</b>	Médio Oriente e Norte de África
<b>Nº</b>	Número
<b>NC</b>	Nota de campo
<b>NEP</b>	Normas de Execução Permanente
<b>NUO NTG TG</b>	<i>NATO Urban Operation NATO Training Group Task Group</i>
<b>ODS</b>	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
<b>OIR</b>	Operação Inerente Resolve
<b>OR</b>	<i>Orientaciones</i>
<b>p.</b>	Página
<b>POI</b>	<i>Programme of Instruction</i>
<b>POLFED</b>	Polícia Federal
<b>QC</b>	Questão Central
<b>RCFTIA</b>	Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
<b>SCT</b>	Serviço de Contra Terrorismo
<b>TC</b>	<i>Training circular</i>
<b>TO</b>	Teatro de operações
<b>TTP</b>	Táticas técnicas e procedimentos
<b>WWP</b>	<i>World Population Prospects</i>



## INTRODUÇÃO

O Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA) surge no âmbito do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria, e está subordinado ao tema: “Treino de combate em áreas urbanas aos baixos escalões - Estudo de Caso do Iraque”.

Os resultados da *World Population Prospects* (WPP) (2017) mostram que a população mundial de quase 7,6 mil milhões em 2017 representou um crescimento de cerca de mil milhões de habitantes nos últimos doze anos. Consequentemente, este aumento exponencial de habitantes pode conduzir a uma escassez de recursos no espaço de subsistência (Sliwa, 2009), sendo que 60% das pessoas do mundo habitam na Ásia (4,5 mil milhões de habitantes), seguido de África (1,3 mil milhões de habitantes) (United Nations, Department of Economic and Social Affairs [UNDESA], 2017).

Prevê-se que continue a existir um aumento populacional no mundo (Bowers, 2015; Marco, 2012; NATO's View, 2008; Rosenau, 1997; Sliwa, 2009; States & Oliver, 2007; Thomas, 2002), embora mais lento que nos anos anteriores (UNDESA, 2017), devendo-se principalmente ao aumento populacional em África (Oluwatayo & Ojo, 2018) e na Ásia, ao invés da Europa onde se prevê um decréscimo populacional no decorrer dos próximos anos (UNDESA, 2017).

Atualmente, uma elevada taxa de habitantes reside em áreas urbanas (Maurer, 2016; Special Inspector General for Iraq Reconstruction, 2013), quando comparado com áreas rurais, sendo que em 2007, pela primeira vez na História, a população urbana global excedeu a população rural (UNDESA, 2014). Este processo pode ser em parte explicado pelo fenómeno da “urbanização”, que ocorreu nas últimas seis décadas (UNDESA, 2014).

Neste mundo cada vez mais globalizado (Matos, 2012), em que mais de metade da população vive em áreas urbanas, prevê-se até 2050 um crescimento populacional mundial de 2,5 milhões de pessoas à população urbana, estando 90% desse aumento centrado na Ásia e em África (UNDESA, 2014).

Anteriormente, o processo de urbanização estava associado a importantes transformações e à redução da pobreza, por centrarem grande parte da atividade económica nas cidades e, daí, a vida urbana ser frequentemente associada a um nível de vida superior no que diz respeito à educação, saúde e ao grau de alfabetização (UNDESA, 2014).

Enquanto que há várias décadas as grandes zonas urbanas estavam centradas nas regiões mais desenvolvidas, atualmente as cidades com crescimento urbano mais elevado estão localizadas na Ásia e em África, estando a urbanizar-se mais rápido que as outras regiões do mundo e alcançando as taxas de urbanização mais elevadas do globo (UNDESA, 2014).

No entanto, quando existe um crescimento urbano rápido e não planeado, esse crescimento pode ameaçar o desenvolvimento sustentável, principalmente para garantir os benefícios à população, para que estes sejam partilhados de maneira imparcial e justa (UNDESA, 2014). Em alguns casos este crescimento desajustado leva a uma rápida expansão, poluição e degradação ambiental, juntamente com níveis de produção e consumo insustentáveis (Oluwatayo & Ojo, 2018).

Apesar desta visível vantagem das cidades em oferecer produtos e serviços à população, atualmente, pelas razões mencionadas anteriormente, as grandes áreas urbanas são mais desiguais do que as áreas rurais. Um dos assuntos de grande relevância para a Agenda Política de desenvolvimento das Nações Unidas, são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que estão a ganhar cada vez mais relevância a nível global (Oluwatayo & Ojo, 2018).

Podemos verificar em muitos casos que, atualmente, as cidades urbanizadas nestas regiões do globo, Ásia e África, albergam os principais focos de conflitos armados (Oluwatayo & Ojo, 2018). A Síria é um exemplo notável, sendo que é o terceiro país com maior percentagem de população a residir em áreas urbanas (United Nations, Department of Economic and Social Affairs, 2017).

Segundo os resultados do *Global Terrorism Index* (GTI) (2016), o terrorismo está em larga escala centralizado no Médio Oriente e Norte de África (MONA), Ásia Meridional e África Subsariana, que juntas respondem por 84% dos ataques e 95% das mortes (*Institute for Economics and Peace* [IEP], 2016). Apesar de, em 2015, o número de mortos ter diminuído 10%, este é o primeiro declínio desde 2010 e deve-se ao decréscimo de atividades terroristas no Iraque (IEP, 2017). No entanto, este país continua a ser o mais afetado pelo terrorismo (IEP, 2017).

Previsivelmente, durante a próxima década, mais de 75% da população mundial irá habitar em áreas urbanas (States & Oliver, 2007). Consequentemente, é provável que estas áreas se tornem no futuro campo de batalha (Sliwa, 2009), isto é, o principal centro de gravidade das operações militares e securitárias (States & Oliver, 2007).

Ao analisarmos igualmente as tendências da guerra terrestre desde a II Guerra Mundial (II GM), é presumível que a maioria dos combates decisivos do século XXI ocorra nas cidades (Marco, 2014).

Por esta razão, no nosso melhor entendimento, esta investigação é relevante na medida que, fornece novas evidências sobre o treino militar em locais de conflito.

No âmbito da *Combined Joint Task Force - Operation Inherent Resolve*, o Exército Português está inserido na *Task-Force Besmaya* em conjunto principalmente com o Exército Espanhol, Exército Americano e o Exército Britânico. No entanto, é o Exército Espanhol que, ao treinar as forças de segurança iraquianas, desempenha as funções mais semelhantes às do Exército Português.

No âmbito desta missão decidimos analisar apenas o Exército Espanhol, uma vez que, é a unidade que está a liderar a *Task-Force Besmaya*, aliado à proximidade cultural existente entre os militares portugueses e espanhóis, pelas inúmeras missões que participam em conjunto e pela oportunidade que surgiu pelo programa Erasmus+ de permitir uma mobilização internacional a este país.

Neste sentido, a “pergunta de partida (...) que tem sido gradualmente refinada ao longo do trabalho exploratório e da elaboração da problemática” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 137) constituiu-se na seguinte questão central (QC): “Como é realizado o treino do Exército Espanhol às forças de segurança iraquianas em combate em áreas urbanas, que implicações considerar?”

Inerente à QC é o objetivo da investigação, e que, no presente estudo consiste em compreender que implicações devem ser consideradas durante o treino de combate em áreas urbanas ministrado pelo Exército Espanhol às forças de segurança iraquianas.

Com o objetivo de recolher dados para a investigação, no âmbito do programa Erasmus+, o trabalho de campo realizou-se durante dois meses na Brigada de Infantaria Ligeira “Rey Alfonso XIII” II da Legião (BRILEG), Tercio “Don Juan de Austria” 3º da Legião, Almeria, Espanha, no qual integramos a 2ª Companhia do VII Batalhão, onde se realizou a recolha dos vários dados.

De forma a responder à QC da investigação, estruturou-se o RCFTIA da seguinte forma: inicialmente, no primeiro capítulo, realizámos um enquadramento teórico, baseado numa revisão da literatura de forma sistemática, seguida de uma análise bibliométrica. No segundo capítulo é abordada a metodologia. Este capítulo é ainda subdividido em cinco subcapítulos, sendo eles: metodologia de investigação, método, fontes de recolha de dados, análise de dados e, por último, validade e fiabilidade. No terceiro e último capítulo são

apresentados os dados apurados, procedendo à respetiva análise, seguido da resposta à QC.

Por fim, são apresentadas as conclusões, juntamente com algumas contribuições para a prática e para a teoria, limitações da investigação e propostas para investigações futuras.

# CAPÍTULO 1. REVISÃO DA LITERATURA

## 1.1. Perspetiva geral

Para delimitar o campo de estudo efetuámos uma revisão da literatura de forma sistemática. Segundo Tranfield et al. (2003), uma revisão sistemática representa uma investigação científica rigorosa da literatura. Faria (2016) acrescenta ainda que, o objetivo central é minimizar o enviesamento dos resultados, ao apurar os estudos mais relevantes de uma determinada área, pela recolha, análise e síntese exaustivas dos textos científicos publicados sobre o tema em questão.

Uma abordagem verdadeiramente abrangente para produzir uma revisão sistemática da literatura, geralmente, requer o uso de mais de uma base de dados (Reis, Amorim, & Melão, 2018). No entanto, dado que a prioridade foi a transparência e a fácil reprodução dos resultados (Buchanan & Bryman, 2009), foram seguidos três critérios para seleccionar uma base de dados eletrónica: (1) foi necessário que a base de dados abrangesse uma ampla quantidade de artigos revistos por pares, (2) cobertura das áreas chave e, por último, (3) a base de dados eletrónica necessitava de ser precisa o suficiente para fornecer resultados de pesquisa apropriados. De acordo com esses critérios, optou-se por efetuar a pesquisa bibliográfica na EBSCO - *Discovery Service* (EDS), por esta se tratar de uma base de dados cuja indexação contempla as mais prestigiadas revistas ligadas ao combate urbano, como por exemplo a “*Military Review*”, “*Newsweek*”, “*International Review of the Red Cross*”, “*Marine Corps Gazette*”, “*Army Times*” e “*Armor*”. Optámos por iniciar todo o processo em “busca avançada” e limitou-se a pesquisa a “resumo”, de forma a podermos circunscrever, o melhor possível, o objecto em estudo.

No dia 3 de março de 2018, numa pesquisa utilizando a base de dados eletrónica EBSCO foram encontrados 8.879 documentos, utilizando a palavra-chave “*urban warfare*”<sup>1</sup> no campo resumo. Com o intuito de diminuir a amostra documental, utilizaram-se as palavras-chave “*training*” e “*military*”, obtendo-se consequentemente, 1.546 documentos.

Essas palavras-chave foram escolhidas por gerarem um número maior de documentos em comparação a outras alternativas, como “*urban areas*”; foi incrementada a palavra-chave “*training*” para conseguirmos uma maior objetividade nos resultados para atingir os

---

<sup>1</sup> Todas as palavras e expressões de pesquisa foram realizadas em inglês, em virtude da maioria dos artigos das bases de dados estar redigida nesse idioma.

objetivos da investigação. Foram ainda aplicados filtros para excluir os demais documentos irrelevantes. O quadro 1 resume a metodologia da pesquisa.

Quadro n.º 1 - Abordagem metodológica

Pesquisa de artigos na base de dados EBSCO		
Critério	Filtro	Documentos
Palavra-chave	<i>Urban warfare / training e military</i>	1.546
Restrição	Resumo	
Língua	Inglês	149
Tipos de Documento	Revistas Académicas e Livros	91
Assunto	<i>Urban Warfare</i>	34
Documentos relevantes <sup>2</sup>	37	

Para evitar interpretações erradas, selecionámos documentos em inglês. Centralizado no tópico, considerámos artigos na área da guerra urbana. Dos 1.546 documentos, foram rejeitados 1.512 permanecendo, no final, 34 artigos que proporcionaram oportunidades de pesquisa na área do combate em áreas urbanas.

### 1.1.1. Análise bibliométrica

As publicações de artigos sobre guerra urbana têm vindo a decrescer, sendo que o seu pico foi no ano de 2004 (figura 1).

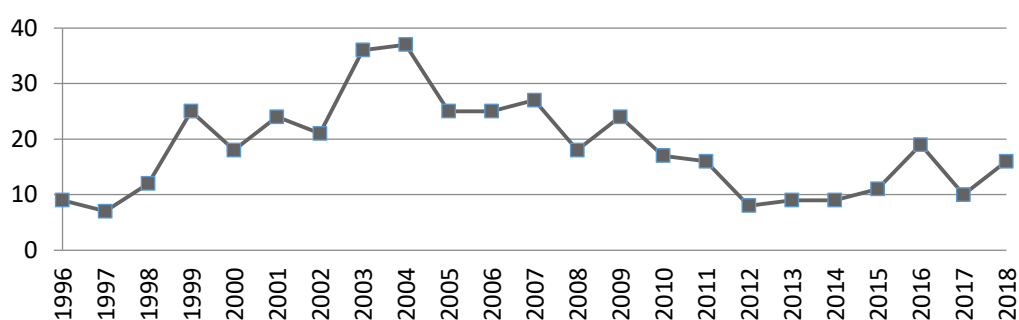
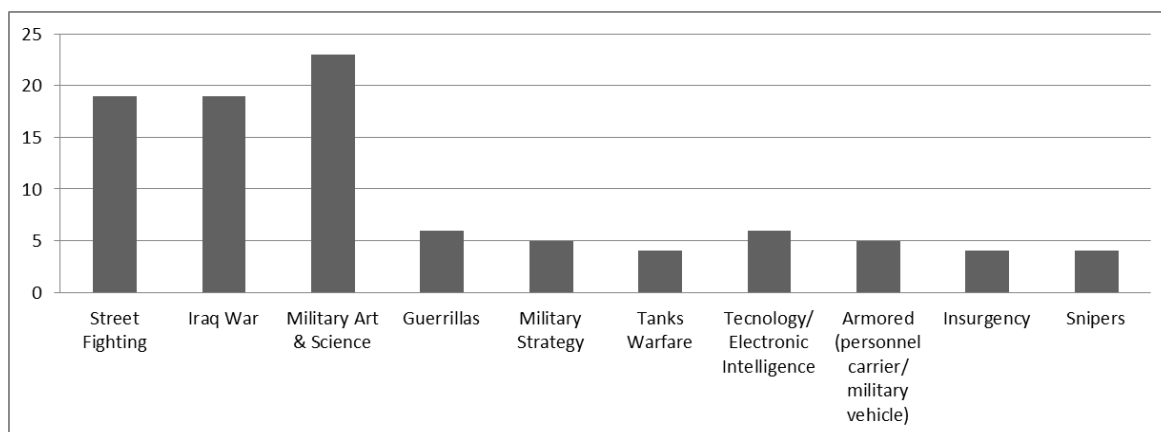


Figura n.º 1 – Artigos publicados anualmente (EBSCO.com)

<sup>2</sup> Estes documentos, são documentos resultantes de uma nova pesquisa bibliográfica, sobre aspetos relacionados com as forças de segurança iraquianas, cultura e religião. Aspetos estes, que não tinham sido considerados inicialmente para a pesquisa bibliográfica, mas que no desenvolver da investigação considerámos como essenciais.

No entanto, é importante referir que em 2004, nenhuma revista académica foi publicada com o assunto «*urban warfare*», pertencendo as 37 publicações a livros e revistas de assuntos militares.

Este aumento de publicações é facilmente justificável ao observarmos os “termos do assunto”<sup>3</sup> relacionados com estas publicações (figura 2).



**Figura n.º 2 - Termos do assunto 2003/2004 (frequência de utilização >= 4)**

Um motivo tangível para este pico está associado ao início da guerra no Iraque em 2003. É por este motivo que se optou por efetuar o estudo de caso do Iraque. Através da figura anterior podemos facilmente perceber que a guerra do Iraque é frequentemente utilizada no conteúdo das publicações entre 2003 e 2004, podendo assim concluir-se que foi um dos principais motivos para o pico de publicações, isto porque, várias das publicações referem a crescente importância da guerra urbana e os riscos do combate urbano no Iraque. Outros autores vão mais longe e discutem possíveis ações militares dos Estados Unidos da América (EUA) contra o Iraque e os efeitos se uma guerra urbana acontecer em Bagdad<sup>4</sup>.

Outro dado importante que surge com a análise dos artigos publicados em 2004 é a frequente referência à batalha de Fallujah. Dos 37 artigos publicados neste mesmo ano, 15 fazem referência a esta batalha e às principais dificuldades no combate urbano em Fallujah. Esta batalha foi um ponto de viragem na guerra do Iraque (Zakaria, 2004), em que os combates eram próximos e ferozes (Sorming Fallujah, 2004).

Adicionalmente, no período de 2003-2004 foi também dada bastante importância à tecnologia nesta panóplia de artigos, em que foram realizados avanços tecnológicos desde

<sup>3</sup> Principais índices de assuntos abordados em determinada publicação.

<sup>4</sup> Capital do Iraque.

a primeira guerra do golfo em 1991 (Barry et al., 2003), assim como estudos para melhorar as operações dos militares em terreno urbano (Svitak, 2003).

No entanto, na guerra do Iraque, perante uma guerra de guerrilha urbana, o exército dos EUA não conseguia explorar esta superioridade tecnológica (Kahwaji, 2003), porque nesta tipologia de ambiente o inimigo não consegue armar, manobrar e sustentar forças modernas. Por esse motivo, este inimigo tenta anular a superioridade militar dos vários exércitos mais modernos e tecnologicamente avançados, atraindo-os para áreas urbanas, onde a tecnologia, o poder de fogo e o treino são menos eficazes do que em campo aberto (Rosenau, 1997).

### **1.1.2. Guerra Urbana**

Neste subcapítulo definimos o conceito de guerra urbana para enquadrar o leitor e diferenciá-la de outros tipos de guerra existentes na literatura.

Na definição mais clássica de Clausewitz, a guerra “não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios”, e destina-se a “forçar o adversário a submeter-se á nossa vontade” (Clausewitz, 1976, p. 73).

Em Portugal, um dos autores que no século XX mais se notabilizou pelo estudo da guerra foi Abel Cabral Couto, que definiu a guerra como:

“(...) violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares” (Couto, 1988, p. 148).

Como a guerra urbana não pode ser mitigada, a complexidade do ambiente urbano veio exigir adaptações à doutrina militar, às estruturas, equipamentos e treino (Vautravers, 2010). As operações militares em áreas urbanas têm sido o pior cenário das forças armadas de todas as nações (Sliwa, 2009). Já sublinhado por Sun Tzu, em a “Arte da Guerra”: A pior política na guerra é atacar as cidades, é o último recurso quando não há outra alternativa (Sun Tzu, 1910).

Estamos perante um mundo em transição, em que os estados estão em constantes conflitos internos, ódios étnicos e conflitos religiosos que nos faz estar na presença de um campo de batalha assimétrico (Krulak, 1997). Na guerra assimétrica defrontam-se lados com capacidades diferentes (Sliwa, 2009), presença de civis (Caforio, 2013) organizações militares e não militares, incluindo atores não estatais (Hopkins, 2010), ou seja, um país



avançado contra uma estrutura rebelde. Caso estivéssemos perante um conflito entre forças com potencial igual, estaríamos perante uma guerra simétrica (Sliwa, 2009).

Neste tipo de ambientes podemos estar, em primeira instância, a alimentar e a vestir refugiados, fornecendo ajuda humanitária e, no momento a seguir, estar a conter duas tribos em guerra – conduzindo operações de manutenção de paz. Ainda no mesmo dia, podemos estar a combater numa batalha de alta letalidade ou média intensidade, tudo isto no mesmo dia. Este ambiente incerto e em constante mudança é apelidado de *three block war* (Krulak, 1997)

Com o crescimento populacional em áreas urbanas e, sendo estas áreas locais de conflito social, é provável que se continue a desafiar o emprego de forças militares em ambiente tridimensional (Svitková, 2015), explorando este conceito de *three block war* (Krulak, 1997) .

Aliás, de modo a reforçar os argumentos anteriores, a perspetiva histórica evidencia que o combate urbano é complexo (Sliwa, 2009) e está associado a um elevado número de baixas entre combatente e não combatentes (Sliwa, 2009), em resultado do elevado grau de destruição (Vautravers, 2010), devido ao emprego de material bélico militar cada vez mais letal, tal como no caso recente da Síria (Sampaio, 2016).

Deste modo, o treino militar pode influenciar o resultado da guerra, em particular no que concerne à relação trilogica entre forças militares, população local e ameaças (trans) nacionais difíceis de identificar (Sliwa, 2009).

Recuando algum tempo, podemos observar que, durante os primeiros anos da I Guerra Mundial (I GM), a maior parte dos combates ocorriam em áreas rurais, sendo que a maioria das áreas habitadas afetadas pelo combate eram evacuadas ou declaradas cidades abertas (Vautravers, 2010). A dificuldade do combate em terreno urbano foi demonstrada diversas vezes durante a II GM, marcando um ponto de viragem (Sampaio, 2016). Como exemplo, Estalinegrado, que foi considerada uma das primeiras grandes operações militares da era moderna em ambiente urbano (Aller, Odoi, & Vîncu, 2016; Arnold & Army, 2019; Bowers, 2015; Rosenau, 1997; Vautravers, 2010). Adicionalmente, a guerra urbana em Mogadíscio, em 1993, foi outro exemplo da natureza cruel da guerra urbana (Marco, 2012; Rosenau, 1997).

A guerra urbana tem sido um fator relevante na guerra do Iraque (Security, 2009), referido por Aziz<sup>5</sup> “Algumas pessoas dizem que os iraquianos não são os vietnamitas! Eles

---

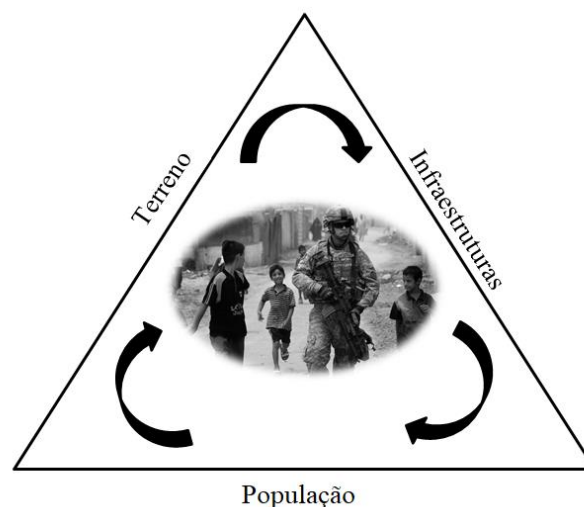
<sup>5</sup> Vice-Primeiro Ministro no governo de Saddam Hussein entre 1979-2003 (Ray, 2019).

não têm selvas de pântanos para se esconder. Eu respondo: 'deixem as nossas cidades serem os nossos pântanos, e os nossos edifícios as nossas selvas' (Bellamy, 2003, p.3). Conclusões as quais, haviam sido resultado da primeira Guerra do Golfo (1991), em que, os resultados da guerra convenceram os líderes iraquianos de que não havia nenhum benefício em enfrentar as forças dos EUA e da Aliança em terreno aberto.

Conclusões similares, provenientes da II Guerra do Iraque, levaram a que os Talibãs efetuassem uma guerra assimétrica, principalmente nas cidades, a fim de enfrentar as fraquezas dos exércitos modernos e evitar os seus pontos fortes (Sliwa, 2009). Como resultado, ainda continuam a conduzir essa forma de combate com algum sucesso, uma vez que, os ativos críticos que dão vantagem aos exércitos ocidentais, como as informações, a vigilância, a manobra e o poder de fogo, são altamente negados (Hopkins, 2010).

O ambiente urbano, particularmente no mundo em desenvolvimento, é um campo de batalha ideal para os adversários “assimétricos” que pretendem neutralizar as vantagens tecnológicas e organizacionais, atualmente utilizadas pelas forças militares modernas. (Rosenau, 1997). Conseguimos perceber que os nossos adversários da atualidade, que não conseguem armar, manobrar e sustentar forças (Rosenau, 1997), cada vez menos definido e mais disperso (Sepp, 2007), tentam anular a superioridade militar dos exércitos modernos, atraindo as forças para áreas urbanas (Anderson, 2004), onde a tecnologia, o poder de fogo e o treino são menos eficazes que em campo aberto (Vautravers, 2010).

Tudo isto está interligado com o facto de o ambiente urbano ser bastante complexo, abrangendo três dimensões principais: população, terreno e infraestruturas, estando as três mutuamente ligadas (figura 3) (Sliwa, 2009).



**Figura n.º 3 - Tríade urbana**

A população é considerada por alguns autores uma dimensão relevante no terreno urbano. Como o general russo Wasilij Chuikov referiu: “Lutar numa cidade é muito mais envolvente do que lutar no campo. Aqui, os "grandes chefes" praticamente não têm influência sobre os oficiais e líderes de esquadra que comandam as unidades e subunidades ”.<sup>6</sup> Estas palavras são válidas para líderes de combate em todos os níveis, mas especialmente, aos baixos escalões, porque é esse, o nível mais importante no decorrer de uma guerra urbana (Newsome & Lewis, 2011; Sliwa, 2009; Sepp, 2007), (i.e. batalhão e abaixo) (Rosenau, 1997).

## **1.2. Treino Militar**

Consideramos útil diferenciar conceitos essenciais ao desenvolvimento deste tema, de modo a que estes não sejam entendidos como sinónimos, tais como: treino, educação e formação.

O treino identifica uma instrução orientada para uma especialidade militar específica, e que é projetada para desenvolver uma habilidade técnica (Radway, 1957).

Educação, por outro lado, implica instrução ou um estudo individual com o propósito do desenvolvimento intelectual e o cultivo de sabedoria, que prepara para os desafios de novas situações” (Radway, 1957). Ou seja, o treino é orientado para a tarefa, enquanto educação vai para além dessa tarefa.

Não confundindo com formação, que pode ser definida como uma experiência planeada de aprendizagem, com o objetivo de criar uma mudança permanente dos conhecimentos, atitudes ou competências, cruciais para o bom desempenho da função de um indivíduo (Campbell e Kuncel, 2001), contribuindo assim para o desenvolvimento pessoal e profissional, bem como para o bom desempenho numa organização.

Não existe uma distinção clara entre “treino” e “educação”. Todo o processo de aprendizagem pode ser pensado como um espectro, por um lado com “puro treino” (como um simples exercício de montagem da arma), e por outro lado “pura educação” (envolvendo os níveis mais elevados de abstração) (Radway, 1957).

## **1.3. Forças de Segurança Iraquianas**

Em 2006, o Congresso dos EUA aprovou que as forças americanas apoiassem e auxiliassem as Forças de Segurança Iraquianas (FSI), através do Fundo para as Forças de

---

<sup>6</sup> General W. Chuikov, durante a Batalha de Estalinegrado, de agosto de 1942 a fevereiro de 1943.

Segurança Iraquianas (FFSI) (Cordesman, Khazai, & Dewit, 2013; Special Inspector General for Iraq Reconstruction (2013); Witty, 2015). Os EUA reconheceram, desde cedo, a necessidade de desenvolver forças iraquianas para apoiar nas operações de segurança (Cordesman et al., 2013; Work, 2018). Para esse efeito, criaram o Serviço de Contraterrorismo (SCT) (Katzman, 2014), o qual estava separado dos Ministérios da Defesa (MD) (Bauer, 2009), e da Administração Interna (MAI) iraquianos (Witty, 2015). O propósito original do SCT era conduzir operações precisas de contraterrorismo, de escalão Companhia ou abaixo deste (Witty, 2015) (Anexo A).

O conceito de contraterrorismo, encontra-se relacionado com o combate ao terrorismo (Matos, 2012a). No entanto, é importante entendermos as diferenças entre os termos contraterrorismo e antiterrorismo.

Contraterrorismo é uma ação e resposta simultânea, usada por atores estatais, que se traduz num conjunto de práticas (Matos, 2012a), para a prevenção de uma ameaça terrorista (Britovšek, 2018), ou seja, são medidas a montante da ação terrorista (Baud, 2005). O contraterrorismo são, portanto, medidas ofensivas, eminentemente repressivas, para prevenir e combater o terrorismo (Mwangi, 2017). O antiterrorismo, por seu lado, reúne os meios a jusante da ação terrorista (Baud, 2005), sendo medidas defensivas (Matos, 2012b; Ganor, 2005), para reduzir as vulnerabilidades de pessoas e bens, contra ataques terroristas (Haynes, Kannampallil, Larson & Garg, 2005).

O nível de violência no Iraque aumentou drasticamente em 2013, pelo grupo *Islamic State of Iraq and Syria* (ISIS) (Country Reports on Terrorism 2013, 2014). Teoricamente, as FSI eram capazes de enfrentar esta ameaça, uma vez que, foram treinadas e equipadas pelos EUA (Bowers, 2015) e contavam com um efetivo numeroso (Cordesman et al., 2013). No entanto, o Exército Iraquiano tinha bastantes carências, por essa razão, a maioria das forças do MD e do MAI foram considerados como ineficazes (Cordesman et al., 2013).

No final de 2013 o ISIS intensificou as ações terroristas e, em resposta, o SCT foi designado para liderar as tentativas do Governo Iraquiano (GI) para de retomar as cidades de Fallujah, Ramadi e Anbar, que haviam sido conquistadas pelo ISIS anteriormente (Middle East Online, 2014), apoiado pelo Exército Iraquiano e o MAI (Ali & Team, 2014).

Em junho de 2014, o ISIS capturou a cidade de Mossul e as FSI acabaram por abandonar os seus postos e recusaram combater o agora denominado, Estado Islâmico (EI) (M. Bell, 2014), devido a uma liderança corrupta e fraca dos seus líderes (Witty, 2015). Isto deveu-se ao facto de, após a retirada dos EUA, os líderes das FSI serem selecionados

de acordo com a sua confiabilidade política em vez das suas capacidades militares (Woods & Murray, 2009). Esta oportunidade era vista como uma forma de ganhar dinheiro, através do desvio de fundos, material e equipamento, para vender no mercado negro (Abbas & Trombly, 2014).

Com todas as perdas em combate e deserções, os batalhões do exército viram o seu efetivo reduzido, assim como o seu equipamento que, muito provavelmente, ficou na posse do EI (Rubin & Gordon, 2014). Apesar das perdas que sofreu em combate, o SCT continua a ser a melhor organização militar iraquiana (Abbas & Trombly, 2014; Rubin & Gordon, 2014). No entanto, continua a ser usada como regular, embora sendo considerada uma unidade de elite das FSI (Witty, 2015). Este desempenho desastroso das FSI levantou várias críticas ao treino oferecido pelos EUA (Bell, 2014) que, em vez de tentar melhorar o sistema iraquiano já existente, tentaram impor o seu próprio sistema (Cordesman et al., 2013).

Esta mistura entre elementos militares ocidentais com a cultura militar iraquiana existente (Marcus, 2014) veio influenciar os escalões mais baixos (Cordesman et al., 2013).

Devido a esta incapacidade geral das FSI, a melhor opção foi escolher o SCT como principal força para atuar, visto que continuava a ser a força mais confiável (Witty, 2015). No que diz respeito às restantes FSI, estas deveriam ser reconstruídas, com a ajuda das forças dos EUA e da Coligação (Aisodani & Knights, 2017), as quais terão a principal responsabilidade de suportar o “fardo” da segurança do Iraque (Khalil, 2005).

À luz dos argumentos anteriormente expostos, em 17 de outubro de 2014, o Departamento de Defesa estabeleceu formalmente a *Combine Joint Task Force - Operation Inherent Resolve* (CJTF-OIR) (Operation Inherent Resolve, 2019)<sup>7</sup>, para formalizar ações militares contra a crescente ameaça representada pelo [EI] no Iraque e na Síria. Esta operação “reflete o profundo compromisso e empenhamento da nação americana e parceiros na região e no mundo para eliminar o grupo terrorista EI e à ameaça que representa para o Iraque” (Estado-Maior-General das Forças Armadas, 2019)<sup>8</sup>.

No âmbito da CJTF-OIR, tanto o Exército Espanhol como o Exército Português, estão encarregues da “formação e treino das forças de segurança iraquianas no campo Bes-

---

<sup>7</sup>Crf.([http://www.inherentresolve.mil/Portals/14/Documents/Mission/HISTORY\\_17OCT2014JUL2017.pdf?ver=2017-07-22-095806-793](http://www.inherentresolve.mil/Portals/14/Documents/Mission/HISTORY_17OCT2014JUL2017.pdf?ver=2017-07-22-095806-793)), em dia 22 de fevereiro de 2019 pelas 10h30m.

<sup>8</sup>Cfr.<https://www.emgfa.pt/pt/operacoes/missoes/cjtfoir>, em dia 24 de fevereiro de 2019 pelas 15h34m.

maya” (Exército, 2019)<sup>9</sup>, “focados no *training*, *mentoring* e *assisting* destas forças”<sup>10</sup>. *Mentoring* é um intercâmbio interpessoal entre um colega experiente (mentor) e um colega menos experiente (protegido), no qual o mentor ajuda o protegido no avanço da carreira e desenvolvimento pessoal (Kram, 1983). Ou seja, uma pessoa com mais experiência serve como guia, modelo ou professor de uma pessoa com menos experiência (Johnson & Anderson, 2010).

No entanto, tendo em conta as forças da Coligação que são enviadas para estes países, deve ser considerada a “corrida contrarrelógio” (Petraeus, 2006), ou seja, devem ser alcançados os objetivos em curto espaço de tempo (Katzman, 2014). Por essa razão, tem de haver uma relevância da empatia, humildade e paciência em todo o treino e formação (Work, 2018), pois foi o povo Iraquiano que sofreu enormes custos humanos (Cohn, 2010) e suportaram toda a violência para derrotar este inimigo comum (Work, 2018; Klay, 2018).

É por esta razão que, entender e respeitar a história, as tradições culturais e religiosas deste povo, se torna vital para obter sucesso (Khalil, 2005; Petraeus, 2006; Edwards & Edwards, 2008; Greaves, 2012; Special Inspector General for Iraq Reconstruction, 2013). Pese embora, para exércitos ocidentais, a cultura não seja uma prioridade (Edwards & Edwards, 2008), mas um desperdício de esforço (Cordesman et al., 2013), é importante termos em conta que os principais conflitos ocorrem entre nações de culturas diferentes (Huntington, 1996), e o potencial de conflitos aumenta com culturas tão diferentes, como as do Médio Oriente e do Ocidente (Greaves, 2012).

Temos de considerar ainda que, para além da importância de conquistar “*hearts and minds*”<sup>11</sup>, é importante que os iraquianos, queiram que o Iraque tenha sucesso (Petraeus, 2006).

Conhecer o “terreno” cultural pode ser mais importante do que conhecer o terreno geográfico (Petraeus, 2006). Um exemplo notório é o *U.S. Army Field Manual (FM) 3-24*, manual de contrainsurgência utilizado pelos militares americanos no Iraque, que apresen-

---

9Cfr.<https://www.exercito.pt/pt/oquefazemos/treinooperacionaleoperacoes/operacoes/COMBINED%20JOINT%20TASK%20FORCE%20%20OPERATION%20INHERENT%20RESOLVE>, em dia 22 de fevereiro de 2019 pelas 10h50m.

10Cfr.<https://www.nato.int/nato-on-the-map/#lat=33.223191&lon=43.679291000000035&zoom=2&layer-4&infoBox=87>, em dia 24 de fevereiro de 2019 pelas 15h34m.

11 No final de março de 2003, o Exército Americano após não conseguir ver o sucesso prometido pela teoria “*shock and awe*”, e com a mudança da guerra, procuravam agora conseguir convencer o povo iraquiano a apoiar o governo recém-eleito. Para alcançar isto, tiveram que tentar ganhar o respeito dos cidadãos iraquianos para conquistar os seus “*hearts and minds*” Sepp, K. I. (2007). *From ‘Shock and Awe’ to ‘Hearts and Minds’: the fall and rise of US counterinsurgency capability in Iraq*, 28(2), 217–230. <https://doi.org/10.1080/01436590601153606>.

tava uma “nova estratégia” por enfatizar a importância do conhecimento do terreno cultural e a interação com as pessoas do seu campo de batalha (Klay, 2018).

A compreensão destes aspetos culturais é essencial na medida em que, aqueles que apreenderam esta consciência cultural mais rápido, foram mais eficazes no desenvolvimento de relações produtivas com os líderes locais (Petraeus, 2006), sendo que o contacto persistente com estes líderes é crucial para criar relações de confiança e responsabilização (Work, 2018).

Com o passar do tempo, o sucesso está cada vez mais dependente do apoio das FSI (Bowen, 2010), que se mantêm fora da política, implementando políticas justas e promovendo a lealdade (Petraeus, 2006), ao invés de uma “cultura de impunidade”, baseada em abusos e não cumprimento dos Direitos Humanos (DH) (Katzman, 2014). As FSI já demonstraram tremenda força de vontade, independentemente do uniforme que usavam: Exército Iraquiano, Polícia Federal ou o SCT (Work, 2018).

Recai sobre estes líderes, uma enorme responsabilidade, dado que muitas vezes têm que tomar decisões importantes num curto espaço de tempo (Petraeus, 2006), pelo que se deve estimular o desenvolvimento das suas capacidades interpessoais (Katzman, 2014). A gestão de desenvolvimentos interpessoais é útil para cumprir com obrigações de liderança para com os seus subordinados (Petraeus, 2006), uma vez que as FSI garantem a segurança, estabilidade regional (Work, 2018) e a governabilidade do estado Iraquiano (Power, 2014).

Em 2017 foi declarada vitória contra o EI (International Hot Stories, 2017; Aisodani & Knights, 2017; Dhanaraj, 2018; Neumann, 2018), e esse eventual sucesso pode dever-se às FSI (Work, 2018), onde está incluído o SCT, Exército Iraquiano, Polícia Federal, forças de mobilização popular, Peshmerga<sup>12</sup>, polícia local, agências de informação e as forças de proteção de fronteiras (Aisodani & Knights, 2017). Atualmente, as mais confiáveis são o SCT, o Exército iraquiano e a Polícia federal que, apesar de precisarem de muito desenvolvimento, estão a ir na direção certa (Witty, 2015).

---

<sup>12</sup> É o termo que o Governo Regional do Curdistão (GRC) utiliza para designar as suas forças armadas (Katzman, 2014).

## **CAPÍTULO 2. METODOLOGIA**

### **2.1. Abordagem**

Este estudo segue uma metodologia qualitativa, uma vez que tem “como objetivo alcançar um entendimento mais profundo do objeto de estudo, sem se focar com medições e análises estatísticas” (Vilelas, 2009, p. 108). Este tipo de metodologia trata de “relacionar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos atores intervenientes no processo” (Coutinho, 2013, p. 28).

De acordo com Merriam e Tisdell (2016), os investigadores que utilizam a metodologia qualitativa estão principalmente interessados em entender como as pessoas interpretam as suas experiências, daí que “o investigador desempenha um papel fundamental na recolha de dados, devendo revelar uma grande sensibilidade ao contexto em que decorre a investigação” (Sousa e Baptista, 2011, pp. 56-57). Em concordância, Denzin e Lincoln (2005), afirmam que a investigação qualitativa é uma atividade que localiza o observador no mundo, ou seja, as pesquisas qualitativas estudam as coisas nos seus ambientes naturais, de forma a compreender ou interpretar fenómenos e os seus significados (Given, 2008). De acordo com Van Maanen (1979), a pesquisa qualitativa é um termo que abrange uma série de técnicas interpretativas que procuram descrever, decodificar e traduzir um fenómeno do mundo social, daí que os investigadores qualitativos tendem a recolherem dados no local onde os participantes experimentam o problema em estudo (Creswell, 2007).

Ao utilizar uma metodologia qualitativa o intuito é perceber como as pessoas interpretam as suas experiências e qual o significado que lhe atribuem (Merriam & Tisdell, 2016), ou seja, “capacitar indivíduos para partilhar as suas histórias, ouvir as suas vozes” (Creswell, 2007, p. 40), sendo esse o “principal objetivo da investigação qualitativa” (Merriam & Tisdell, 2016, p. 25).

Portanto, é necessário “identificar primeiro um problema de pesquisa” (Merriam & Tisdell, 2016, p. 76), que vai ser identificado recorrendo a um método e técnicas específicas que são apresentadas na próxima secção.

### **2.2. Método**

Um dos métodos mais utilizados nas metodologias qualitativas são os estudos de caso, que são frequentemente usados de forma intercambiável com “pesquisa qualitativa” (Merriam & Tisdell, 2016, p. 37).



Por esse motivo, optámos por utilizar o método estudo de caso, e que é abordado por vários autores, entre os quais Given (2008), Creswell (2007), Merriam & Tisdell (2016), Smith (2007) e Yin (2003), sendo um método “tendencialmente enquadrado no âmbito das estratégias de investigações qualitativas” (IUM, 2016, p. 39), o que corrobora os argumentos apresentados no parágrafo anterior.

Apesar de Stake (2005) afirmar que a pesquisa de um estudo de caso não é propriamente uma metodologia, mas uma escolha daquilo que deve ser estudado, outros autores apresentam o estudo de caso como uma estratégia de investigação, uma metodologia ou uma estratégia de pesquisa abrangente (Denzin & Lincoln, 2005; Merriam, 1998; Yin, 2003).

Consequentemente, optámos por enquadrar este estudo como sendo metodologicamente qualitativo e orientado segundo o método estudo de caso. Delimitamos, portanto, o estudo de caso como sendo:

“(...) uma estratégia de pesquisa cujas características incluem foco nas inter-relações que constituem o contexto de uma entidade específica, (...) análise da relação entre os fatores contextuais e a entidade que está a ser estudada, e o propósito explícito de usá-los (...) para gerar teoria e/ou contribuir para a teoria existente” (Mills, Eurepos, & Wiebe, 2010, p. xxxii).

O estudo de caso pretende estudar um fenómeno da vida real (Yin, 2003), na área das ciências militares<sup>13</sup>.

À luz da metodologia e método supracitados, a presente investigação tem como objeto de estudo o estudo de caso do Iraque, no âmbito da “Operação *Inherent Resolve*” da Coligação liderada pelos EUA, no qual os militares portugueses operam em conjunto com militares espanhóis na formação de CAU às Forças de Segurança Iraquianas.

### **2.3. Fontes de recolha de dados**

Nesta investigação, a recolha de dados é o processo organizado com o objetivo de obter informações da realidade, sendo que “a natureza do problema de investigação determina o tipo de métodos de colheita de dados a utilizar” (Fortin, 2009, p. 239).

Merriam e Tisdell (2016) defendem que uma das características das investigações qualitativas é que o investigador atua como principal instrumento de recolha e análise de dados. Vários autores afirmam que este método de pesquisa apresenta várias vantagens,

---

<sup>13</sup>“Ciências Militares são um corpo organizado e sistematizado de conhecimentos, possuem princípios, métodos, técnicas e tecnologias próprios, cuja finalidade é o emprego da força armada” (Raleiras, 2011, p. 15)

sendo consensuais no facto de que o investigador consegue expandir a sua compreensão através da comunicação verbal e não verbal, podendo processar os dados rapidamente, esclarecer e resumir o material e verificar junto dos participantes a exatidão e interpretação dos dados (Merriam & Tisdell, 2016).

A título de exemplo prático, e na sequência de argumentos anteriormente apresentados, Yin (2003) sugere seis tipos de recolha de dados, nomeadamente: documentos, arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefactos físicos.

As recolhas de dados qualitativos consistem em “citações diretas das pessoas sobre as suas experiências” recolhidos através de entrevistas; “descrições detalhadas das atividades, comportamentos e ações das pessoas” através da observação direta; e “citações” extraídas de vários outros tipos de documentos (Patton, 2015, p. 14). Como também referem Merriam e Tisdell (2016), normalmente os estudos de caso utilizam dados obtidos através de entrevistas, observações e documentos, estando em sintonia com Yin (2003).

Portanto, tendo em conta a natureza qualitativa da problemática, neste estudo foram utilizadas as fontes de recolha de dados apresentadas no quadro 2.

A utilização de múltiplas fontes de recolha de dados servem para efetuar a triangulação e corroboração dos dados, que ajuda a minimizar a deturpação que possa existir quando a recolha é proveniente de apenas uma fonte, e contribuir para aumentar o rigor da investigação (quadro 2) (Mills et al., 2010).

**Quadro n.º 2 - Fontes de recolha de dados utilizadas (1/2)**

<b>Fonte</b>	<b>Pontos Fortes</b>	<b>Fraquezas</b>	<b>Colmata</b>
<b>Documentação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estável - pode ser revisto repetidamente;</li> <li>• Exata - contém nomes exatos, referências e detalhes de um evento;</li> <li>• Cobertura ampla - longo período de tempo, muitos eventos e muitas configurações;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viés de relato - reflete o viés do autor;</li> <li>• Acesso - pode ser deliberadamente bloqueado;</li> </ul>	<p>“Os documentos são úteis para verificar as grafias corretas, títulos ou nomes de organizações que poderiam ter sido mencionadas numa entrevista. (...) Pode fornecer outros detalhes específicos para corroborar informações de outras fontes” (Yin, 2003, p. 87).</p>

Quadro n.º 2 - Fontes de recolha de dados utilizadas (2/2)

Fonte	Pontos Fortes	Fraquezas	Colmata
Entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segmentado - enfoca diretamente no tópico do estudo de caso;</li> <li>• Perspicaz - fornece inferências causais percebidas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preconceito devido a questões mal construídas;</li> <li>• Obliquidade da resposta;</li> <li>• Imprecisões devido à fraca recordação;</li> <li>• Reflexividade - entrevistado dá o que o entrevistador quer ouvir;</li> </ul>	Segundo Patton (2015) entrevistamos pessoas para descobrir as coisas que não podemos observar diretamente, (...) não podemos observar sentimentos, pensamentos, intenções.
Observação Direta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realidade - abrange eventos em tempo real;</li> <li>• Contextual - abrange o contexto do evento;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Demorado;</li> <li>• Reflexividade - evento pode proceder de maneira diferente porque está a ser observado;</li> <li>• Horas de custo necessárias para os observadores;</li> </ul>	<p>“Observa-se o fenómeno de interesse em que ocorre naturalmente.” (Merriam &amp; Tisdell, 2016, p.137).</p> <p>“Observações também são realizadas para triangular conclusões emergentes; isto é, elas são usadas em conjunto com entrevistas e análise de documentos para substanciar os resultados” (Merriam &amp; Tisdell, 2016, p.139).</p>

Fonte: Adaptado de (Merriam & Tisdell, 2016; Patton, 2015; Yin, 2003)

### 2.3.1. Documentação

Esta fonte de recolha de dados centra-se na recolha de fontes documentais onde se encontram registados princípios, objetivos e metas (Sousa e Baptista, 2011).

Este tipo de fonte inclui registos oficiais, materiais promocionais organizacionais, cartas, documentos governamentais e contas históricas (Merriam & Tisdell, 2015), sendo que Yin (2003) acrescenta ainda memorandos, agendas, anúncios e atas de reuniões.

Os documentos são uma boa fonte de dados por numerosas razões, podendo mesmo chegar a ser a melhor fonte de recolha de dados, isto porque, se trata de uma fonte de dados estável, ao contrário de entrevistas e observações (Merriam & Tisdell, 2015). Portanto, a recolha de documentos vem permitir corroborar e aumentar certezas de outras fontes (Yin, 2003).

Nesta investigação uma das fontes de recolha de dados foram os documentos organizacionais, nomeadamente manuais e normas de execução permanentes (NEP), relatórios fornecidos por militares espanhóis que estiverem em missão no Iraque, sendo de salientar o

manual “*Combate en zonas urbanizadas (CZZUU) (hasta nivel sección), 4ª edición 2019*”, como também documentos provenientes de fontes abertas (ex. internet).

### 2.3.2. Entrevistas

Segundo Merriam e Tisdell (2016), na maioria das pesquisas qualitativas a maioria dos dados são recolhidos por meio de entrevistas (quadro 3). DeMarrais (2004) define uma entrevista de pesquisa como “um processo em que um investigador e um participante se juntam numa conversa focada em questões relacionadas a um estudo de pesquisa” (p. 55), o que faz com que o objetivo da entrevista tenha um grande foco na perspectiva da outra pessoa (Patton, 2015). Merriam e Tisdell (2016) afirmam que numa investigação qualitativa existe um maior recurso a entrevistas mais abertas e menos estruturadas.

**Quadro n.º 3 - Tipos de Entrevistas**

<b>Estruturada</b>	<b>Semiestruturada</b>	<b>Não-Estruturada</b>
<p>“O principal uso deste formato altamente estruturado na pesquisa qualitativa é o de compatibilizar dados demográficos” (Merriam &amp; Tisdell, 2016, p. 110).</p> <p>“(…) entrevistador aplica um conjunto de perguntas iguais a todos os entrevistados, (...) formato mais próximo do inquérito por questionário” (Haro et al., 2016, p. 94).</p>	<p>“(…)todas as perguntas são mais flexíveis, ou a entrevista é uma mistura de perguntas mais e menos estruturadas” (Merriam &amp; Tisdell, 2016, p. 110).</p> <p>“(…) grau de liberdade aumenta para o entrevistado, (...) aplica-se um guião temático, executado de forma flexível” (Haro et al., 2016, p. 94).</p>	<p>“(…) quando o pesquisador não sabe o suficiente sobre um fenómeno para fazer perguntas relevantes, (...) um dos objetivos da entrevista não estruturada é, de fato, aprender o suficiente sobre uma situação para formular perguntas para entrevistas subsequentes. ” (Merriam &amp; Tisdell, 2016, p.111).</p> <p>“(…) máximo grau de liberdade ao entrevistado” (Haro et al., 2016, p. 94).</p>

**Fonte: Adaptado de (Haro et al., 2016; Merriam & Tisdell, 2016)**

Portanto, para este estudo foram utilizadas, inicialmente, entrevistas exploratórias de modo a disponibilizar a informação e o conhecimento existente sobre o tema, desejavelmente dos mais variados pontos de vista (IUM, 2016). De modo a contribuir para o “refinamento do problema” e para a “construção da problemática do estudo” (IUM, 2016, p. 47).

Após a utilização desta técnica, realizámos entrevistas semiestruturadas, para que, como entrevistadores, pudéssemos colocar as questões com a flexibilidade suficiente para

abordagens diferentes (Noor, 2008), de forma oportuna, ao sabor do teor da conversa, encaminhando o entrevistado para os objetivos da entrevista (IUM, 2016), de maneira a ser possível determinar soluções para a problemática.

As entrevistas foram realizadas entre 21 de fevereiro e 5 de abril de 2019, todas elas foram realizadas presencialmente na Base Alvarez de Sotomayor em Almeria, Espanha, e duraram entre trinta e sessenta minutos. As entrevistas dependem da aplicação do chamado critério de saturação teórica, ou seja, quando as entrevistas não produzirem mais itens de informação (Edwards & Holland, 2013) que se possam considerar como novos, chega-se aí ao momento de finalização da recolha de dados (Haro et al., 2016). Enquanto a saturação não for alcançada, significa que o fenómeno não foi totalmente explorado (O'Reilly and Parker, 2013).

Segundo Guest, Bunce e Johnson (2006), com base na sua análise, perceberam que a saturação ocorre em grande parte quando se analisam doze entrevistas. Números semelhantes são relatados por Francis et al. (2010) e Marshall (1996) que sugerem entre treze e quinze entrevistas. Francis et al. (2010) propõe dez entrevistas como orientação para começar a procurar a saturação, seguidas de mais três para comprovar antes de terminar. No entanto, Bertaux (1981) argumentou que quinze é o menor tamanho de amostra aceitável na pesquisa qualitativa. Em concordância com autor anterior, Marshall et al. (2013) sugere entre quinze e vinte entrevistas para um estudo de caso único.

Por estes motivos, optámos por realizar quinze entrevistas como “*initial analysis sample*” (Francis et al., 2010, p. 2). Seguidamente, realizámos mais duas entrevistas, as quais, não conduziram a ideias relevantes e distintas das anteriores nem problemáticas, pelo que no nosso entendimento, provavelmente teremos atingindo o “*stopping criterion*” (Francis et al., 2010, p. 2). No final, contabilizámos um total de dezassete entrevistas.

Essas mesmas entrevistas seguiram um protocolo devidamente estruturado e revisto pelos orientadores de modo a aumentar a validade do guião da entrevista ou protocolo<sup>14</sup>.

### **2.3.2.1. Amostra**

Quando realizamos uma investigação, podemos recolher dados partir de toda a população ou seleccionar amostras dessa população. Por questões de tempo e de recursos materiais e humanos, os investigadores usam amostras (Almeida & Freire, 1997). As amostras devem ilustrar as características da população e, ao processo de criação da amostra cha-

---

<sup>14</sup> Cfr. Apêndice A – Guião do inquérito por entrevista exploratória

mamos métodos ou técnicas de amostragem (Miaoulis & Michener, 1976). Neste processo “é necessário ter em consideração duas dimensões: significância da amostra e a representatividade da amostra” (Haro et al., 2016, p. 134). Sendo que a significância diz respeito ao tamanho da amostra, pelo contrário a representatividade diz respeito à qualidade da mesma, isto é, ao grau de semelhança entre as características da amostra (Almeida & Freire, 1997; Fortin, 2009).

Por esse motivo, utilizámos o método de amostragem não probabilístico ou não aleatório, método que recorre a amostragens em que há uma escolha deliberada dos elementos que irão constituir a amostra (Dommermuth, 1975).

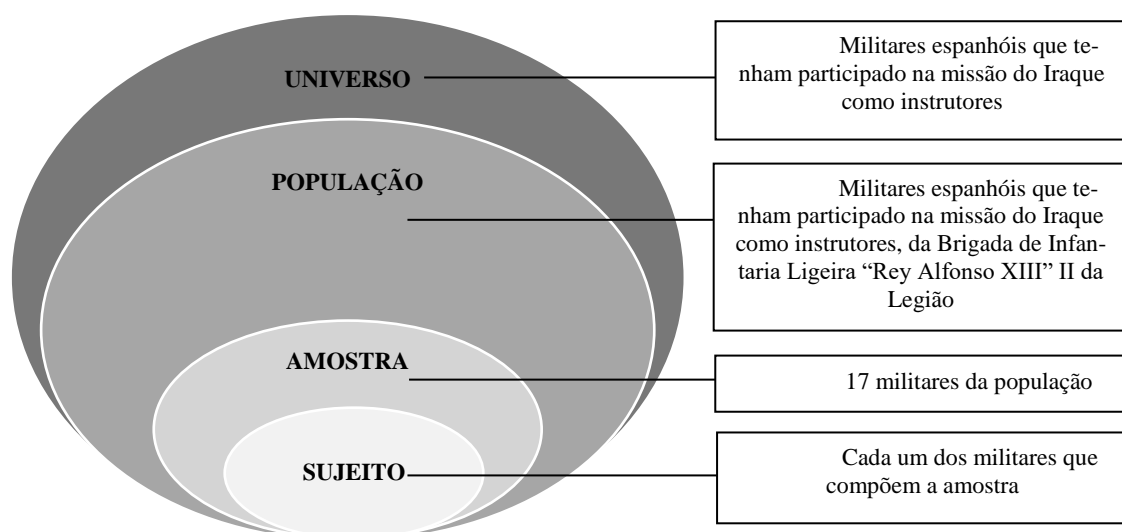
Dentro deste método, as técnicas de amostragem utilizadas foram inicialmente “amostragem em bola de neve ou por propagação”, porque a seleção dos sujeitos que compõem a amostra é feita sucessivamente, através de indicações fornecidas pelos inquiridos, e a amostra foi assim crescendo como uma bola de neve à medida que os novos indivíduos nos foram sendo indicados (Almeida & Freire, 1997; Barreiro & Albandoz, 2001; Fortin, 2009).

Utilizámos também a amostragem intencional, porque os elementos que fizeram parte da amostra foram “escolhidos propositadamente pelo investigador, segundo determinados critérios” (Almeida & Freire, 1997; Barreiro & Albandoz, 2001; Fortin, 2009). Por último foi também utilizada a técnica de “amostragem por conveniência”, porque os elementos foram selecionados por conveniência, ou seja, por estarem disponíveis por se encontrarem no local da investigação (Almeida & Freire, 1997; Barreiro & Albandoz, 2001; Fortin, 2009).

Antes de mais, importa esclarecer os conceitos de universo, população, amostra e sujeito, assim como a sua dimensão (figura 4).

Tendo em conta que o universo “corresponde ao conjunto de todos os sujeitos, casos ou observações suscetíveis de serem agrupados segundo uma determinada característica” (Haro et al., 2016, p. 133) e que, neste contexto, diz respeito a todos os militares espanhóis que tenham participado na missão do Iraque como instrutores.

Considera-se como população da investigação o conjunto de elementos que se pretende estudar (IUM, 2016), neste caso militares espanhóis da Brigada de Infantaria Ligeira “Rey Alfonso XIII” II da Legião que tenham participado na missão do Iraque como instrutores, e “sobre o qual se deseja obter determinado tipo de informações” (Haro et al., 2016, p. 133).



**Figura n.º 4 - Universo, população, amostra e sujeito**

A população da investigação foi restringida à Brigada de Infantaria Ligeira “Rey Alfonso XIII” II da Legião, visto que, surgiu a oportunidade através do programa Erasmus+ de realizar o trabalho de campo numa unidade Espanhola e que, segundo Freixo (2010), os sujeitos de uma população devem partilhar de caraterísticas em comum e, neste caso em concreto, a característica traduz-se em pertencerem a esta unidade espanhola e terem participado na missão do Iraque como instrutores, entre o ano 2017 e 2018.

Por último, a significância da amostra corresponde a 17 militares da população.

### **2.3.3 Observação direta**

“A observação só é uma ferramenta<sup>15</sup> de pesquisa quando é sistemática, quando aborda uma questão de pesquisa específica e quando está sujeita a verificações e balanços na produção de resultados confiáveis” (Merriam & Tisdell, 2016, p. 138).

A observação direta como fonte de recolha de dados “contribui para o desenvolvimento de um estudo de caso forte (...), pois fornece uma oportunidade para os investigadores observarem diretamente o que está a acontecer no ambiente social, interagir com os participantes e participar nas atividades, (...). Esta pode ser referida por outros termos, incluindo observação participante, visitas ao local ou trabalho de campo” (Mills et al., 2010, p. 301)

<sup>15</sup> A ferramenta utilizada para a observação direta foi a resposta às questões: Quem?, O quê?, Quando?, Onde? e Para quê?

Durante o trabalho de campo as observações foram “completamente desestruturadas no início e tornaram-se mais seletivas ao longo do tempo” (Mills et al., 2010, p. 302). As observações consistiram na recolha de notas de campo (NC) ao longo de todo o trabalho de campo, visto que é necessário ter em conta que “escrever notas de campo é uma tarefa onerosa, mas as notas de campo constituem a base para os dados sobre os quais o estudo se baseia” (Schensul & LeCompte, 2013, p. 20). As notas de campo foram registadas em ambientes formais (Mills et al., 2010) durante as entrevistas, de modo a descrever determinadas posturas dos entrevistados face a determinadas questões, bem como em interações informais durante os diversos treinos no campo de treino da *Base Alvarez de Sotomayor* e durante refeições e outras atividades (Mills et al., 2010) de forma a esclarecer algumas dúvidas. As notas de campo incluíram ainda esboços e fotografias (Mills et al., 2010).

## 2.4. Análise de dados

Para a análise de dados utilizámos uma técnica conhecida como “análise de conteúdo”. Segundo Guerra (2006, p. 69) a análise de conteúdo pretende assim:

“ (...) descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito. De facto, quando falamos em investigação empírica, falamos de uma série de operações como descrever os fenómenos (nível descritivo), descobrir as suas co-variações ou associações (nível correlacional e grosso modo objetivo da análise categorial) e ainda descobrir relações de causalidade/ de interpretação das dinâmicas sociais em estudo (nível interpretativo e grosso modo correspondente à análise tipológica). Nas entrevistas em profundidade (e histórias de vida) utiliza-se uma diversidade de técnicas de análise de conteúdo para cada uma destas operações”

Neste contexto, e procurando ir ao encontro dos objetivos destas orientações metodológicas, seleccionámos a proposta de Guerra (2006) para exemplificar as cinco principais etapas do processo de análise de conteúdo (figura 5).



**Figura n.º 5 - Etapas do processo de análise de conteúdo**  
Fonte: Guerra (2006, pp. 69-86)



## 2.5. Validade e fiabilidade

A fiabilidade consiste na capacidade de fornecer resultados semelhantes sob condições constantes em qualquer ocasião (Bell, 2010). Por outro lado, a validade diz-nos se um método mede ou descreve o que supostamente deve medir ou descrever (Bell, 2010), ou seja, diz respeito à exatidão com que um determinado fenómeno é avaliado (Haro et al., 2016).

Portanto, questionou-se “se outro investigador utilizasse o mesmo instrumento de pesquisa se obteria as mesmas respostas” (Bell, 2010, p. 98), por essa razão é que existe a necessidade de alcançar um determinado grau de fiabilidade e validade. Portanto, o objetivo foi conseguir o leque de respostas mais representativo possível.

Todas as entrevistas formais foram acordadas serem gravadas e transcritas, mediante a assinatura de um termo de consentimento por parte dos entrevistados<sup>16</sup>. Além disso, as entrevistas após serem transcritas foram enviadas aos entrevistados para confirmar que o seu conteúdo refletia verdadeiramente o seu significado original.

---

<sup>16</sup> Cfr. Apêndice B – Termo de consentimento.

## CAPÍTULO 3. RESULTADOS

Este capítulo consiste na análise e discussão de resultados que tiveram por base as recolhas de dados anteriormente apresentadas. Está subdividido em cinco subcapítulos, cada um correspondente a uma categoria (quadro 5). As categorias estão relacionadas com problemáticas que foram referidas pela maioria dos entrevistados<sup>17</sup>. Inicialmente foram feitas três entrevistas exploratórias a um oficial e dois sargentos da Legião Espanhola, de modo a efetuar um primeiro contacto com os militares da Unidade, visando obter um conhecimento exploratório do treino de combate em áreas urbanas (CAU) nesta Unidade, aferir como têm desenvolvido e/ou adaptado este tipo de treino para aplicação no Iraque e ainda tendo em vista a obtenção de documentação que esta Unidade utilize como referência.

Tendo em consideração as entrevistas exploratórias, realizámos o guião das entrevistas semiestruturadas. No total realizámos dezassete entrevistas semiestruturadas que posteriormente foram transcritas, lidas e feitas algumas anotações.

Por conseguinte, procedeu-se à construção das sinopses das entrevistas numa grelha onde se apresentam as problemáticas identificadas. “As sinopses são sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fiéis, inclusive na linguagem, ao que disseram os entrevistados” (Guerra, 2006, p. 73), com o objetivo central de termos a perceção da saturação das entrevistas (Guerra, 2006).

**Quadro n.º 4 - Categorias**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Audiência de treino Iraquiana	Experiência
	Controlo
Estrutura	<i>Battalion training team (BTT) / Company training team (CTT)</i>
	Baixos escalões
	Barreiras idiomáticas
Sociedade Urbana	Cultura
	Religião
Treino de CAU	Simplicidade
	Comando e controlo
Procedimentos de CAU	Unificação de procedimentos
	Troca de procedimentos

---

<sup>17</sup> Cfr. Apêndice D – Identificação dos entrevistados.

### 3.1. Audiência de treino Iraquiana<sup>18</sup>

De acordo com a grande maioria dos entrevistados, a própria audiência iraquiana que está a ser instruída começa logo por ser uma dificuldade porque, por um lado, é bastante heterogénea e, por outro, é difícil o seu controlo. O difícil controlo destes militares deve-se, principalmente, a dois fatores: a corrupção existente no país e a falta de liderança por parte dos seus comandantes para conseguir controlar a assiduidade daquela audiência.

Relativamente à corrupção, a implicação que tem no treino é, sobretudo, no controlo diário dos militares iraquianos. Nos primeiros dias, nos quais recebem armamento americano, existe uma maior afluência e nos dias seguintes começam a deixar de aparecer. Por essa razão, a Coligação começou a entregar o material mais faseado até ao último dia de instrução. Acaba por ser esta a motivação daqueles militares para o treino. Aliado a esta questão, os oficiais iraquianos não têm qualquer tipo de liderança e controlo sobre os seus homens. Muito devido ao facto de os oficiais muitas das vezes atingirem esse posto porque pagavam, ou porque seguiam determinado grupo político e não pelas suas capacidades militares. Isso fazia com que atingissem determinado reconhecimento social, sendo vistos como uns “senhores”<sup>19</sup>, os quais nem sequer fazem a instrução. Para os iraquianos um oficial não treina. O facto de os subordinados não verem qualquer tipo de exemplo nos seus superiores, leva a que adotem a mesma postura de desinteresse.

Adicionalmente, os militares ocidentais têm ainda que ter a capacidade para lidar com a grande diferença existente dentro da audiência. Por um lado, têm militares com muita experiência em combate, que pertenciam ao antigo Exército Iraquiano, “mais disciplinado que o atual exército”<sup>20</sup>, segundo alguns entrevistados, e por outro, militares novos sem qualquer tipo de experiência. Existe ainda uma mistura, que são soldados que anteriormente eram oficiais no antigo exército de Saddam, em que alguns se notava que, “sentiam um compromisso para com o exército, com o país e com a sociedade”<sup>21</sup>, assim como tradutores civis que anteriormente eram oficiais. No entanto, é importante termos em consideração que, “ter experiência não é sinónimo de saber”<sup>22</sup>, quer isto dizer que, apesar alguns dos militares iraquianos já terem estado a combater, não significa que tenham capacidades técnicas e táticas. Segundo alguns entrevistados eles não têm assim tanta experiência como

---

<sup>18</sup> Cfr. Apêndice E – Análise de conteúdo (Audiência Iraquiana).

<sup>19</sup> Cfr. Entrevistado 3 e Entrevistado 11.

<sup>20</sup> Cfr. Entrevistado 1.

<sup>21</sup> Cfr. Nota de campo 1.

<sup>22</sup> Cfr. Entrevistado 14.

dizem, pois, “eles vêm de combater sem cabeça nenhuma, sem qualquer tipo de procedimentos”<sup>23</sup>.

### 3.2. Estrutura<sup>24</sup>

Esta categoria pretende mostrar as vulnerabilidades que todos os entrevistados mencionaram, tanto da estrutura em que estavam inseridos, os BTT/CTT<sup>25</sup>, assim como da própria estrutura organizacional das unidades iraquianas, e o quanto estas vulnerabilidades fazem com que exista uma maior barreira idiomática.

Verificamos que todos os entrevistados referiram que um dos aspetos a melhorar na estrutura de um BTT/CTT estava relacionada com a contratação de um maior número de tradutores e facilitadores<sup>26</sup>, assim como haver mais instrutores, pois com quatro instrutores é difícil instruir uma audiência tão grande. A falta de tradutores/facilitadores e instrutores realça-se mais nas instruções de CAU, devido à tecnicidade exigida neste tipo de combate, e também exige uma maior atenção por parte dos instrutores para corrigir os movimentos e procedimentos.

Apesar de no treino de CAU os instrutores se apoiarem em grande parte na comunicação por gestos ou sinais, temos de ter em conta que o nível técnico dos militares iraquianos é bastante baixo. Por essa razão, é necessário recorrer bastante à fala para explicar o porquê de determinado procedimento se fazer de determinada maneira.

Tendo em conta que em cada CTT apenas existia um facilitador e um tradutor para auxiliar na tradução do inglês para o árabe, podemos ver que se torna difícil transmitir a informação, e a qual não se pode dividir em pequenos grupos, porque, existiriam grupos que ficariam sem tradutor/facilitador. Dificuldade esta, que se faz notar ainda mais no caso dos militares portugueses, visto que, não têm a figura do facilitador

Muitas vezes, acabava por haver uma audiência bastante “grande para a capacidade de resposta”<sup>27</sup>, sendo necessário haver um “ajuste entre audiência e capacidade de ensinar estas unidades”<sup>28</sup>.

No que diz respeito aos facilitadores, é opinião dos entrevistados que a preparação dos mesmos deveria ser melhor, visto que, por vezes, acabavam por estar limitados porque

---

<sup>23</sup> Cfr. Entrevistado 11.

<sup>24</sup> Cfr. Apêndice F – Análise de conteúdo (Estrutura).

<sup>25</sup> Cfr. Apêndice J – Esboço da estrutura de uma Equipa de Instrutores de Brigada em 2018.

<sup>26</sup> Militar espanhol com conhecimentos da língua árabe.

<sup>27</sup> Cfr. Entrevistado 8.

<sup>28</sup> Cfr. Entrevistado 1.

o árabe que aprendem é diferente de alguns dialetos falados por algumas unidades iraquianas. Esta situação originava, por vezes, a necessidade de quatro saltos idiomáticos, do espanhol para inglês, do inglês para o árabe e do árabe para o dialecto. Por melhor que seja a tradução, claramente que, no final, acaba por haver “perda de informação”<sup>29</sup>.

Associada a esta vulnerabilidade dos facilitadores, existem também algumas vulnerabilidades com os tradutores, que são maioritariamente civis locais, que conhecem bem a língua, no entanto, muitas das vezes não sabem os termos militares específicos, essenciais para transmitir corretamente as informações<sup>30</sup>. Alguns entrevistados mencionam ainda que, deveria existir uma maior concordância entre o horário das instruções e o horário dos tradutores.

Aliado às barreiras idiomáticas, agravadas pela falta de tradutores/facilitadores, acresce o facto de existirem bastantes vulnerabilidades na estrutura das organizações militares iraquianas. Sendo o foco crítico das operações urbanas os baixos escalões (*Allied training publication* (ATP) - 99 *Urban Tactics*), deveria existir uma organização sólida e dotada de liderança por parte dos comandantes nos vários escalões (*Orientaciones* (OR) 7 – 023 *Orientaciones Combate en Zonas Urbanizadas*). O que acontece na realidade é o seguinte: as unidades iraquianas não têm uma organização como nós, exércitos ocidentais, principalmente nos baixos escalões, ou pelo menos não a cumprem. Nos exércitos ocidentais um alferes/tenente comanda um pelotão, um sargento comanda uma secção e um cabo comanda uma esquadra. Nas forças iraquianas existe um Capitão, comandante de companhia, e abaixo dele é apenas uma “massa de gente”<sup>31</sup>. A divisão chegava a ser imposta pelos militares ocidentais, no entanto, muitas das vezes acabavam por não a cumprir ou respeitar. Isto porque, segundo alguns entrevistados, existiam duas estruturas dentro da audiência iraquiana: “a estrutura dos galões e a estrutura social”<sup>32</sup>. Queria isto dizer que, havia casos em que soldados por pertencerem a determinado grupo social ou pertencerem a determinada família ou religião, eram muito mais influentes e lideravam mais que os próprios oficiais. Isto, obrigava os militares espanhóis, no momento de eleger determinados comandantes, a ter em conta a estrutura social, assim como a não misturar castas e classes sociais, de modo a não quebrar a ordem social tradicional (CZZUU 4ª Edición).

No meio desta desorganização, quem acabava por sobressair e liderar aquela “massa de gente”, são os militares mais influentes, normalmente os mais experientes e empe-

---

<sup>29</sup> Cfr. Entrevistado 3, Entrevistado 9 e Entrevistado 15.

<sup>30</sup> Cfr. Anexo B - Emprego dos tradutores.

<sup>31</sup> Cfr. Entrevistado 8.

<sup>32</sup> Cfr. Nota de campo 5.

nhados. Isto fazia com que, “muitas vezes o posto não correspondesse com a função”<sup>33</sup>, existindo casos em que soldados comandavam secções ou pelotões.

Aparece aqui uma das principais barreiras para o treino de CAU, visto que, em operações urbanas a iniciativa das pequenas unidades adquire uma maior importância (ATP-99; CZZUU 4ª Edición; OR7-023; *Marine Corps Warfighting Publication* (MCWP) 3-35.3, *Military Operations on Urbanized Terrain* (MOUT)), porque a probabilidade de combaterem isoladas é muito elevada (OR7-023) e, por essa razão, é necessário estabelecer uma organização sólida nos baixos escalões.

### 3.3. Sociedade Urbana<sup>34</sup>

Segundo o FM 3-06, a homogeneidade diminui à medida que o tamanho da área urbana aumenta e, por essa razão, os comandantes devem ter em conta as características de uma população, cujas crenças e interesses variam com base em fatores como a política, economia, religião, cultura, liderança, história, saúde e a demografia (sociedade urbana). Por tudo isto, é fundamental a compreensão desses fatores para o sucesso (FM 3-06).

Todos os entrevistados, de uma maneira geral, referiram que um dos fatores que mais tinha implicação no treino era a cultura. O termo cultura relaciona-se com o facto de eles não compreenderem o significado de instrução e treino, como nós militares ocidentais. Para grande parte dos militares iraquianos, não faz sentido a instrução militar, no qual treinamos e colocamos todo o nosso empenho para conseguirmos combater melhor. Na sua cultura, “ou estão a combater ou estão em casa a descansar”<sup>35</sup>, ou seja, não estão habituados a treinar a um ritmo intenso como nós, exércitos ocidentais. Alguns entrevistados referiram mesmo que as forças iraquianas “não gostam muito de trabalhar, (...) e têm muito pouca disciplina”<sup>36</sup>.

Por consequência, acresce uma tarefa extra aos instrutores ocidentais: terem a capacidade de motivar os militares iraquianos para o treino. A forma de motivar aqueles militares poderia passar por diversas formas: através do recurso a jogos, de modo a estimular a competição, visto que “são bastante competitivos e orgulhosos entre eles”<sup>37</sup> e tornando as instruções mais práticas e evitando as aulas meramente teóricas. Para alguns entrevistados, passava principalmente pela capacidade de criar uma ligação com aqueles militares, sendo

---

<sup>33</sup> Cfr. Entrevistado 12.

<sup>34</sup> Cfr. Apêndice G – Análise de conteúdo (Sociedade Urbana).

<sup>35</sup> Cfr. Entrevistado 7.

<sup>36</sup> Cfr. Entrevistado 10.

<sup>37</sup> Cfr. Entrevistado 9.

que, após atingirem essa ligação, se consegue “tudo deles”<sup>38</sup>, na certeza porém, de que os instrutores se têm que dar sempre como exemplo. Quer com isto dizer que, para os motivar não podemos dedicar o tempo apenas a instruir, “também temos de nos envolver pessoalmente com eles”<sup>39</sup>.

Outro aspeto importante para motivar estes militares é a capacidade de conseguir envolver mais os oficiais no treino, visto que são os primeiros a não mostrar qualquer tipo de interesse pelo treino e liderança sobre os seus homens. Os subordinados, aos verem a falta de interesse dos seus comandantes, acabam por adotar a mesma postura.

O que, à primeira vista, poderia parecer uma barreira, na opinião de todos os entrevistados a religião não teve qualquer tipo de implicação no treino dos militares iraquianos. Apenas na altura do Ramadão, em que os militares iraquianos se encontram mais debilitados devido ao facto de não comerem, nessa altura, o ritmo de treino tinha, obrigatoriamente, de baixar. Excetuando este período, “a religião não tem qualquer tipo de efeito, (...) eles não são muito fanáticos”<sup>40</sup>.

### **3.4. Treino de combate em áreas urbanas<sup>41</sup>**

A categoria treino está dividida em duas subcategorias, que estão intimamente ligadas: a simplicidade e o comando e controlo. Na opinião de todos os entrevistados, após a chegada ao Iraque, o nível técnico e tático que encontraram, por parte da audiência iraquiana, foi, genericamente, muito baixo.

Mesmo os que já haviam combatido anteriormente, tinham-no feito sem procedimento nenhum. Este défice de treino e procedimentos adquiridos, em conjunto com as barreiras idiomáticas, a estrutura integralmente desorganizada nos baixos escalões, a falta de liderança e a falta de meios de comunicação, faz com que aumente a dificuldade de comando e controlo.

No ambiente urbano, o comando e controlo já são naturalmente difíceis (ATP-99; CZZUU 4ª Edición; OR7-023), por essa razão é necessário treinar bons procedimentos, mas que sejam o mais flexíveis e simples possível (ATP-99). Este aspeto é ainda mais importante tendo em conta o nível técnico e tático bastante baixo que têm as unidades iraquianas.

---

<sup>38</sup> Cfr. Entrevistado 3.

<sup>39</sup> Cfr. Entrevistado 14.

<sup>40</sup> Cfr. Entrevistado 14.

<sup>41</sup> Cfr. Apêndice H – Análise de conteúdo (Treino de combate em áreas urbanas).

Portanto, a principal adaptação que os militares ocidentais tiveram que incrementar para aqueles militares, foi principalmente baixar o nível a que estão habituados a treinar no dia-a-dia, e tornar os procedimentos mais simples. Tornar mais simples, não só pelo facto da grande maioria da audiência não ter qualquer tipo de preparação técnica, mas também no sentido de adaptar ao material e equipamento que possuem.

No decorrer do trabalho de campo conseguimos observar que nesta unidade em Espanha, têm o treino de CAU bastante desenvolvido, assim como dispõem de diversos meios e infraestruturas para o treino. Como por exemplo infraestruturas para o combate em visibilidade reduzida<sup>42</sup> e os aparelhos de visão noturna<sup>43</sup>. Regularmente, também treinam com viaturas e com recurso a diversos equipamentos para entrar em habitações, tanto mecânicos como explosivos. E tendo em conta que, praticamente a audiência aparecia para o treino apenas com colete, capacete e arma, o treino tem claramente de ser mais simples e com uma exigência mais baixa, comparada com o treino feito nesta unidade espanhola.

Segundo alguns entrevistados, outro fator que contribuí também para esta necessidade de simplificar o treino, foi a falta de infraestruturas para o treino de CAU no Campo Besmaya. Existem alturas que estão bastantes unidades iraquianas a ser instruídas ao mesmo tempo e, por consequência, as infraestruturas existentes tornam-se insuficientes, obrigando a que os próprios instrutores tivessem que improvisar locais para o treino de CAU.

Segundo a grande maioria dos entrevistados, outra razão para não se conseguir atingir um nível mais elevado, é devido ao fator tempo, visto que, “eles não têm capacidade de aprender mais em tão pouco tempo”<sup>44</sup>.

Intimamente relacionado com esta problemática, diversos entrevistados referiram que não existia qualquer tipo de seguimento destas unidades, assim como, as unidades uma vez que instruídas no Campo Besmaya, não regressão novamente para aumentar/melhorar o seu nível técnico e tático.

Quer com isto dizer, que, após o término da instrução destas unidades, não existe um seguimento, no sentido de percebermos se os militares iraquianos realmente aplicam os procedimentos ministrados durante a instrução.

---

<sup>42</sup> Cfr. Apêndice L – Sala Negra.

<sup>43</sup> Cfr. Apêndice K – Aparelhos de visão noturna.

<sup>44</sup> Cfr. Entrevistado 7.



### 3.5. Procedimentos de combate em áreas urbanas<sup>45</sup>

Nesta categoria é abordada uma dificuldade que foi referida por todos os entrevistados: o facto de não haver uma unificação de procedimentos a nível NATO ou da Coligação, de forma a todos os instrutores ensinarem e praticarem da mesma maneira.

Segundo o ATP-99, é da responsabilidade de cada país criar as suas próprias TTP e, no melhor conhecimento dos entrevistados, não tiveram conhecimento que existisse qualquer tipo de manual ou TTP no Iraque, ficando à responsabilidade de cada país organizar as instruções. Tendo em conta que dentro do mesmo exército já existem diferenças nos procedimentos das diversas unidades, claramente que vai existir uma diferença maior entre diferentes exércitos no que diz respeito a procedimentos.

Este aspeto é ainda mais relevante no que diz respeito às instruções de CAU, pelos inúmeros procedimentos e medidas de controlo que são necessárias. É preciso termos em conta que este tipo de combate exige técnicas fundamentais que cada militar tem que adquirir e essas mesmas técnicas têm de ser praticadas até que sejam feitas instintivamente (CZZUU 4<sup>a</sup> Edición). Queremos com isto dizer que, se estivermos constantemente a trocar os procedimentos ministrados aos militares iraquianos, estes dificilmente vão conseguir aplicá-los instintivamente.

Para auxiliar as instruções de CAU, as únicas linhas orientadoras existentes são os *Programme of Instruction* (POI)<sup>46</sup>, que consistem numa tabela com os objetivos que se pretendem atingir durante a instrução. Estes POI são baseadas no (*Training circular* (TC) 90-1 *Training for Urban Operations*), onde são dadas as linhas orientadoras e da qual é criado o POI para instruir no Iraque<sup>47</sup>. O problema deste documento é o facto de ser bastante genérico, isto porque apenas mostra os “objetivos que se pretendem atingir, e não como o fazer”<sup>48</sup>.

Esta situação faz com que se esteja a ministrar procedimentos de CAU diferentes entre os diversos BTT, o que traz, naturalmente, dificuldades ao treino, porque “é claramente mais difícil fazê-los trocar os procedimentos do que ensinar do zero”<sup>49</sup>. Tendo em consideração a panóplia de países que participa nesta missão a ministrar instrução, conse-

---

<sup>45</sup> Cfr. Apêndice I – Análise de conteúdo (Procedimentos de combate em áreas urbanas).

<sup>46</sup> Cfr. Anexo C – Programme of Instruction.

<sup>47</sup> Cfr. Anexo D – Exemplo de uma programme of Instruction de combate em áreas urbanas utilizada no Iraque.

<sup>48</sup> Cfr. Entrevistado 2.

<sup>49</sup> Cfr. Entrevistado 5.

guimos perceber que existem muitas diferenças na instrução ministrada aos militares iraquianos.

Pelo que conseguimos observar, durante o treino dos militares espanhóis em CAU, assim como pelas entrevistas que realizámos, conseguimos perceber que os procedimentos básicos utilizados por esta unidade espanhola, não têm muitas discrepâncias com os procedimentos utilizados em Portugal, embora obviamente, sempre existam diferenças.

Durante diversas conversas informais que tivemos com militares desta unidade durante o trabalho de campo, foram inúmeros os militares que referiam que o modo de trabalhar dos portugueses e espanhóis é bastante semelhante e os procedimentos utilizados também não diferem muito. No entanto, o mesmo não acontece com outros países da Coligação.

Portanto, é do consenso de todos os entrevistados, a importância da criação de um manual base com os procedimentos a seguir, de modo a existir uma uniformização de procedimentos entre os vários países, visto que esse tipo de uniformização já existe noutro tipo de instruções, como por exemplo o *Counter-improvised explosive device* (C-IED), em que já existem procedimentos NATO bastante padronizados.

Essa padronização ou uniformização de procedimentos seria importante existir para que, no momento de instruir, todos os países tivessem algum manual como base para seguirem e evitarem cometer o erro de treinar a mesma força iraquiana com procedimentos diferentes.

Se realmente se quer “instruir os militares iraquianos, é importante uniformizar”<sup>50</sup>, com base nas lições aprendidas do treino e combate dos militares iraquianos (ATP-3 *Education and training for urban operations*, 2014), no seu equipamento e armamento, e não com base nos procedimentos dos exércitos ocidentais.

---

<sup>50</sup> Cfr. Entrevistado 1.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A presente investigação aborda o treino de CAU ministrado às FSI no âmbito da CJTF-OIR, pelos militares espanhóis no Iraque. Com esta investigação conseguimos perceber as principais dificuldades com que os militares espanhóis se depararam neste TO, no momento de instruir as FSI.

Durante a próxima década, mais de 75% da população mundial irá habitar em áreas urbanas (States & Oliver, 2007). Consequentemente, é provável que estas áreas se tornem o futuro campo de batalha (Sliwa, 2009). Por essa razão, é relevante esta investigação na medida que, fornece novas evidências sobre o treino militar em locais de conflito.

O número de artigos sobre guerra urbana têm vindo a decrescer, sendo que o ano de 2004, atingiu o auge de publicações, associado ao início da guerra do Iraque. A crescente importância deste tipo de treino tem vindo a minimizar os riscos do combate urbano no Iraque, no sentido em que a guerra não pode ser mitigada, a complexidade do ambiente urbano veio exigir adaptações à doutrina militar, às estruturas, equipamento e treino (Vau-travers, 2010).

Posto isto, com base em toda a investigação realizada, desde a revisão da literatura até ao trabalho de campo realizado foi possível finalizar este estudo com a resposta à questão central, “Como é realizado o treino do Exército Espanhol às forças de segurança iraquianas em combate em áreas urbanas, que implicações considerar?”.

Em termos teóricos, existem poucas contribuições académicas sobre o treino de CAU das forças de segurança iraquianas e como o mesmo se têm desenvolvido e evoluído ao longo do tempo. Neste sentido, seria possível descortinar as principais dificuldades, limitações e adaptações que os exércitos ocidentais têm feito para instruir as FSI, bem como, entendermos o impacto que a cultura iraquiana -pouco referida em estudos- assume durante a instrução.

Concomitantemente, existem implicações práticas que se revelam importantes para o sucesso do treino das FSI, nomeadamente a falta de um programa de treino; o difícil controlo e o baixo nível técnico e tático da audiência de treino iraquiana; a falta de uma estrutura organizacional sólida das unidades iraquianas aos baixos escalões; as barreiras idiomáticas; a própria cultura iraquiana; a inexistência de uma unificação de procedimentos; e a falta de um seguimento das unidades iraquianas.

No que diz respeito ao programa de treino, existe a necessidade de que esteja assente em aspetos fulcrais a ter em consideração. Nomeadamente uma organização por módulos, em que, os militares só avançariam para o próximo módulo de instrução após atingirem os objetivos do módulo que estão a frequentar. Pretende-se, pois, evitar que militares, que já por si só apresentam bastantes dificuldades e carências na parte técnica e tática militar, pratiquem, no mesmo dia, combate convencional, combate em operações de paz e combate em ambiente urbano. Quer isto dizer que, o programa deverá ser o mais modular e sequencial possível para potencializar, numa primeira fase, o militar individualmente e posteriormente que adquira as capacidades coletivamente.

Relativamente aos facilitadores, que também estão integrados em cada CTT, também estes é necessário que tenham uma melhor preparação, visto que, muitas vezes ficam limitados por apenas terem conhecimento do árabe comum e não terem conhecimentos dos outros dialetos falados no Iraque.

Relacionado também com as barreiras idiomáticas, alguns entrevistados consideram que seria importante os instrutores durante a sua preparação, serem dotados de um maior conhecimento idiomático árabe, particularmente dos termos técnicos a aplicar aquando da instrução. No entanto, não basta apenas a criação de um programa, para conseguirmos profissionalizar as forças iraquianas, é necessário um trabalho mais profundo de bastidor. Começando por melhorar a estrutura das unidades militares iraquianas, principalmente ao nível dos baixos escalões, atribuindo comandos táticos permanentes e incutindo a importância da liderança e do exemplo durante a instrução, de forma a que estes comandantes consigam influenciar os seus subordinados a atingir os objetivos pretendidos.

Tendo em conta que uma das situações mais prováveis em combate, e principalmente em operações urbanas, é que existam baixas, é importante que exista uma estrutura sólida com comandos permanentes, para que estes treinem sempre com o mesmo grupo de pessoas e com os mesmos comandantes, de forma que em combate todos saibam a sua função e, principalmente, que saibam quem assume o comando, caso o comandante de esquadra, secção ou pelotão saia de combate.

Também na estrutura de treino da Coligação (BTT/CTT), de acordo com todos os entrevistados, são necessárias algumas alterações, nomeadamente na incorporação de uma maior quantidade de instrutores, facilitadores e tradutores, por forma, a reduzirmos ao máximo a barreira idiomática existente. Mas, acima de tudo, é necessário que esta estrutura seja flexível, de forma a criar o máximo de interoperabilidade entre BTT/CTT, para conse-

guirmos dar resposta à constante variação da audiência e assim ajustar da melhor forma o número de instrutores ao número de instruendos.

Para conseguirmos esta interoperabilidade é necessário também que a Coligação construa algumas capacidades. Capacidades essas que passam, de acordo com a grande maioria dos entrevistados, por exemplo, pela criação de um manual básico comum, no qual estivessem reunidos os procedimentos que a Coligação quer que sejam instruídos às forças de segurança iraquianas. Este manual tem ainda mais relevância no que diz respeito às instruções de CAU, pelos inúmeros procedimentos e medidas de controlo que são necessárias. De modo a existir uma unificação de procedimentos, em que todos os países instruem da mesma forma, para não estarmos a cometer o erro de ensinar à mesma força, procedimentos diferentes. Construindo esta capacidade, facilmente conseguíamos garantir interoperabilidade entre países da Coligação. Manual este, que poderá servir também, para posteriormente quando as FSI regressem às suas unidades, possuam algo como base para poder continuar a treinar com os mesmos procedimentos.

No melhor entendimento e conhecimento ao nível dos entrevistados, é que não existe qualquer tipo de seguimento das unidades iraquianas. Ou seja, uma vez que passam no Campo Besmaya, nunca mais retornam a este centro de treino para continuar ou melhorar o seu treino. Assim como, também não existe um seguimento no sentido de percebermos se estas unidades, quando saem de Besmaya, realmente continuam a utilizar e praticar os procedimentos instruídos pelos exércitos ocidentais. Na opinião de alguns entrevistados, uma das possibilidades passaria por exemplo, por destacar uma equipa de instrutores ocidentais, para ir à unidade iraquiana e, durante um exercício, conseguir realmente perceber se os procedimentos estão a ser utilizados ou não. Ou seja, existir um “supervisor internacional”, que esteja responsável por seguir o treino das FSI e, com isto, percebermos se o treino está a ser eficaz.

Resumindo, se realmente se pretende instruir e profissionalizar as forças de segurança iraquianas e reduzir as principais implicações no treino, é necessário estruturar as organizações militares iraquianas e unificar procedimentos, de modo a que estas forças consigam começar a ser autossuficientes no treino.

### **Limitações do trabalho**

Uma das limitações da investigação foi o facto do tipo de método utilizado consumir muito tempo (Yin, 2003), porque os dados do estudo de caso são demorados de recolher e analisar (Hodkinson, P., & Hodkinson, H., 2001).

O estudo de caso fornece ainda pouca base para a generalização científica, ou seja, são generalizáveis para preposições teóricas e não para populações ou universos (Yin, 2003). Ou seja, embora existam militares portugueses no TO do Iraque, não significa que os resultados obtidos neste estudo, sejam os mesmos, caso analisássemos os militares portugueses.

Em termos gerais outra das limitações foi o espaço temporal para a realização da investigação, não permitindo recolher mais dados durante o trabalho de campo.

Durante o trabalho de campo em Espanha, as principais limitações foram a dificuldade em recolher documentação organizacional relacionada com a missão do Iraque. Assim como conseguir coordenar a realização das entrevistas, visto tratar de uma unidade operacional e, durante o período de tempo que estivemos na unidade, tiverem um empenhamento bastante grande em atividades, dificultando a realização das entrevistas.

### **Propostas para novas investigações**

Sugerimos aprofundar questões relacionadas com o tema desta investigação na lente da participação portuguesa no Iraque. A missão portuguesa efetua missões muito semelhantes às forças militares espanholas, mas serão os resultados semelhantes? Será que partilham das mesmas problemáticas?

Algo a que não foi dado ênfase nesta investigação, mas sugerimos aprofundar diz respeito à preparação destas forças antes da projeção para o Iraque, de modo a percebermos como é desenvolvida a preparação destes militares e quais os aspetos a melhorar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbas, Y., & Trombly, D. (2014). Inside the Collapse of the Iraqi Army's 2nd Division. *War on the Rocks, 1*.
- Aisodani, I., & Knights, M. (2017). Strengthening the Iraqi Security Forces. *The Washington Institute*.
- Ali, A., & Team, I., "Iraqi Army Launches Fallujah Offensive," Institute for the Study of War Iraq Updates. Acedido a 12 de fevereiro de 2019, em <http://iswiraq.blogspot.com/2014/05/iraqi-army-launches-fallujah-offensive.html>.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (1997). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT - Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Anderson, G. W. (2004). Fallujah and the Future of Urban Operations. *Marine Corps Gazette*, 88(11), 52–58.
- Arnold, M. T. D., & Fiore, M. N. (2019). Five Operational Lessons from the Battle for Mosul. *Military Review*.
- Barreiro, P. L., & Albandoz, J. P. (2001). Population and sample. Sampling techniques. *Management mathematics for European schools*, 6.
- Barry, J., Thomas, E., & Gegax, T. T. (2003). Boots, bytes and bombs. *Newsweek*, 141(7), 38-43.
- Baud, J. F. (2005). *Le renseignement et la lutte contre le terrorisme: stratégies et perspectives internationales*. Lavauzelle.
- Bauer, S. (2009). Iraq's new death squad America has built an elite and lethal counter-terrorism force. But who's calling the shots?. *Nation*, 288(24).
- Bell, J. (2010). *Como realizar um projeto de investigação*. (5ª Edição). Lisboa: Gradiva.
- Bellamy, C. (2003). If the cities do not fall to the Allies, there may be no alternative to siege warfare. *The Independent*, 28, 3.
- Bertaux, D. (1981). From the life-history approach to the transformation of sociological practice. *Biography and society: The life history approach in the social sciences*, 29-45.
- Matthew Bell, "Islamic militants have taken over Iraq's second-largest city," PRI. Acedido a 15 de março de 2019, em <http://www.pri.org/stories/2014-06-10/islamic-militants-have-taken-over-iraqs-second-largest-city>.

- Bowen Jr., S. W. (2010). Iraqi Security Forces: Special Operations Force Program Is Achieving Goals, but Iraqi Support Remains Critical to Success. *SIGIR Audit Reports*, (11-003/004), 1-31.
- Bowers, M. C. O. (2015). Future Megacity Operations—Lessons from Sadr City. *Military Review*, 95(3), 8.
- Britovšek, J. (2018). Comparing Counterintelligence and Counterterrorism - Similarities, Issues and Solutions. *Journal of Criminal Justice & Security*, 20(2), 163-181.
- Buchanan, D., and Bryman, A. (2009), *The Sage Handbook of Organizational Research Methods*, Sage Publications.
- Caforio, G. (2013). Officer and commander in asymmetric warfare operations. *Journal of Defense Resources Management (JoDRM)*, 4(1), 9-26.
- Campbell, J. P., e Kuncel, N. R. (2001). Individual and team training. In N. Anderson, D. S. Ones, H. K. Sinangil, e C. Viswesvaran (Eds.), *Handbook of Industrial, Work and Organizational Psychology*, 278-313. London: Sage.
- Clausewitz, C. Von. (1976). *Da Guerra* (Perspectiva). Lisboa: Perspectivas e Realidades.
- Cohn, W. A. (2010). Targeting Terror. New Presence: *The Prague Journal of Central European Affairs*, 12(3), 59-72.
- Cordesman, A. H., Khazai, S., & Dewit, D. (2013). Shaping Iraq's Security Forces US-Iranian Competition Series. *Center for Strategic & International Studies*, 1-51.
- Country Reports on Terrorism 2013: Canada Chapter. (2014, May 1). *Targeted News Service* (USA).
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia Vol. I – Apontamentos para um curso*. Pedrouços: IAEM. Lisboa.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches* (2ª Edição). Thousand Oaks, CA: Sage.
- DeMarrais, K. (2004). Qualitative interview studies: Learning through experience. Foundations for research: *Methods of inquiry in education and the social sciences*, 1(1), 51-68.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). *Handbook of qualitative research*. 2000.
- Dhanaraj, J. (2018). Evolution of the Islamic State After its Territorial Defeat. *Counter Terrorist Trends & Analysis*, 10(5), 1-7.
- DiMarco, L. A. (2012). *Concrete hell: urban warfare from Stalingrad to Iraq*. Bloomsbury Publishing.



- Dommermuth, W. P. (1975). *The use of sampling in marketing research*. Chicago, IL: American Marketing Association.
- Edwards, J. B., & Edwards, S. P. (2008). Culture and the new Iraq: the Iraq National Library and Archive," imagined community," and the future of the Iraqi nation. *Libraries & the Cultural Record*, 43(3), 327-342.
- Edwards, R., & Holland, J. (2013). *What is qualitative interviewing?*. A&C Black.
- Estado-Maior-General das Forças Armadas [EMGFA] (2019). Combined Joint Task Force - Operation Inherent Resolve (CJTF OIR) – Iraque. Acedido a 24 de fevereiro de 2010 em <https://www.emgfa.pt/pt/operacoes/missoes/cjtfoir>.
- Faria, P. M. (2016). *Revisão Sistemática da Literatura: contributo para um novo paradigma investigativo. Metodologia e Procedimentos na área das Ciências da Educação*. Santo Tirso: Whitebooks
- Fortin, M.-F. (2009). *O processo de investigação: Da concepção à realização* (5ª Edição). Loures: Lusociência.
- Francis, J. J., Johnston, M., Robertson, C., Glidewell, L., Entwistle, V., Eccles, M. P., & Grimshaw, J. M. (2010). What is an adequate sample size? Operationalising data saturation for theory-based interview studies. *Psychology and Health*, 25(10), 1229-1245.
- Freixo, M. (2010). *Metodologia Científica: Fundamentos. Métodos e Técnicas* (2ª Edição), Lisboa: Instituto Piaget.
- Ganor, B. (2005). *The counter-terrorism puzzle: a guide for decision makers*. New Brunswick, N. J. : Transaction Publishers.
- Given, L. M. (Ed.). (2008). *The Sage encyclopedia of qualitative research methods*. Sage publications.
- Greaves, S. (2012). A Primer of Middle Eastern Leadership Culture. *Journal of Strategic Security*, (4), 99. <https://doi.org/10.5038/1944-0472.5.4.7>.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso* (1ª Edição). Cascais: Princípia.
- Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. *Field methods*, 18(1), 59-82.
- Haller, L., Mandache-Dodoiu, A., Zvîncu, D., Cîrmaci-matei, M.-V., Pulpea, B., & Vedinas, I. (2016). Specific Regulations for Urban Military Operations. *MTA Review*, 26(2), 123–140.

- Haro, F., Serafim, J., Cobra, J., Faria, L., Roque, M. I., Ramos, M., & Costa, R. (2016). *Investigação em ciências sociais: Guia prático do estudante*. Lisboa: Pactor.
- Haynes, S. R., Kannampallil, T. G., Larson, L. L., & Garg, N. (2005). Optimizing anti-terrorism resource allocation. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, (3), 299.
- Hodkinson, P., & Hodkinson, H. (2001). The strengths and limitations of case study research. *In learning and skills development agency conference at Cambridge* 1(1) 5-7.
- Hopkins, M. (2010). Regulating the conduct of urban warfare : lessons from contemporary asymmetric armed conflicts. *International review red cross new series* 92(878), 469–494. <https://doi.org/10.1017/S1816383110000391>.
- Huntington, S. P. (1996). *The clash of civilizations and the remaking of the modern world*. NY: Simon and Schuster.
- IEP. (2017). Global Terrorism Index 2016 Measuring and Understanding the Impact of Terrorism. *Institute for Economics and Peace*, 108. [https://doi.org/10.1162/ISEC\\_a\\_00023](https://doi.org/10.1162/ISEC_a_00023).
- International Hot Stories. (2017). *Political Intelligence Briefing*, 71–78.
- Instituto Universitário Militar [IUM] (2006). *Orientações Metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. Lisboa: IUM.
- Johnson, W. B., & Andersen, G. R. (2010). Formal Mentoring in the U. S. Military. *Naval War College Review*, 63(2), 113–126.
- Kahwaji, R. (2003). Fighting the unknown. *Navy Times*, 52(20), 15.
- Katzman, K. (2014). Iraq: Politics, Governance, and Human Rights. *Congressional Research Service: Report*, 1–45.
- Khalil, P. (2005). Iraq security strategy: a complex challenge. *Strategic Insights Series: Iraq Security Strategy: A Complex Challenge*, 1–9.
- Klay, P. (2018). Man of war: Deployment to Iraq changed my view of God, country and human kind. So did coming home. *America*, (13), 18.
- Kram, K. E. (1983). Phases of the Mentor Relationship. *Academy of Management Journal*, 26(4), 608.
- Krulak, C. C. (1997). The three block war: fighting in urban areas. *Vital Speeches of the Day*, 64(5), 139.
- Marcus, J. (2014). Factors behind the precipitate collapse of Iraq’s army. *BBC News*.

- Marshall, M. N. (1996). Sampling for qualitative research. *Family practice*, 13(6), 522-526.
- Marshall, B., Cardon, P., Poddar, A., & Fontenot, R. (2013). Does sample size matter in qualitative research?: A review of qualitative interviews in IS research. *Journal of Computer Information Systems*, 54(1), 11-22.
- Matos, H. (2012). Contraterrorismo: O papel da intelligence na acção preventiva e ofensiva. In *Atas do VII Congresso Português de Sociologia: Sociedade, Crise e Reconfigurações*.
- Matos, H. (2012). Contraterrorismo Ofensivo. O “targeted killing” na eliminação de alvos terroristas: o caso dos EUA e de Israel. *Janus .net e-journal of International Relations*, 3(2), 122-147.
- Maurer, P. (2016). War in cities : What is at stake ? *International Review of the Red Cross*, 98(2), 639–646. <https://doi.org/10.1017/S1816383117000315>.
- Middle East Online, “Iraqi counter-terrorism forces battle jihadists in Ramadi,” middle east online, Acedido a 20 de fevereiro de 2019 em <http://www.middle-east-online.com/english/?=64598>.
- Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2015). *Qualitative research: A guide to design and implementation*. John Wiley & Sons.
- Miaoulis, G., & Michener, R. D. (1976). *An introduction to sampling*. Kendall.
- Mills, A., Eurepos, G., & Wiebe, E. (2010). *Encyclopedia of Case Study Research*. (M. Weatherbee, Ed.). SAGE Publications Asia-Pacific Pte. Ltd.
- Niesen, P. (2007). Iraqi Security Forces: A Strategy for Success Anthony H. Cordes-man. *Air and space power journal*, (3), 124.
- Mwangi, O. G. (2017). The Dilemma of Kenya’s New Counterterrorism and Asymmetric Warfare. *Peace Review*, 29(3), 307–314. <https://doi.org/10.1080/10402659.2017.1344530>.
- NATO’s View. (2008). The Future of Urban Transport. *Military Technology*, 32(36–46).
- Neumann, R. E. (2018). Illusions of Victory: The Anbar Awakening and the Rise of the Islamic State. *Middle East Policy*, 25(1), 176–181. <https://doi.org/10.1111/mepo.12335>.
- Newsome, B., & Lewis, M. B. (2011). Rewarding the cowboy, punishing the sniper: The training efficacy of computer-based urban combat training environments. *Defence Studies*, 11(1), 120–144. <https://doi.org/10.1080/14702436.2011.553108>.

- Noor, K. (2008). Case-Study-A-Strategic-Research-Methodology.pdf. *American Journal of Applied Sciences*, 5(11), 1602–1604.
- Oliver, D. (2007). Training Streetfighters. (Cover story). *Military Technology*, 31(4), 93–101.
- Oluwatayo, I. B., & Ojo, A. O. (2018). Walking Through a Tightrope: the Challenge of Economic Growth and Poverty in Africa. *The Journal of Developing Areas*, 52(1), 59–69.
- Operation Inherent Resolve [OIR] (2019). History. Acedido a 22 de fevereiro de 2019 em [http://www.inherentresolve.mil/Portals/14/Documents/Mission/HISTORY\\_17OCT2014JUL2017.pdf?ver=2017-07-22-095806-793](http://www.inherentresolve.mil/Portals/14/Documents/Mission/HISTORY_17OCT2014JUL2017.pdf?ver=2017-07-22-095806-793).
- O'reilly, M., & Parker, N. (2013). 'Unsatisfactory Saturation': a critical exploration of the notion of saturated sample sizes in qualitative research. *Qualitative research*, 13(2), 190-197.
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research and evaluation methods* (4ª Edição). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Petraeus, D. H. (2006). *Learning counterinsurgency: Observations from soldiering in Iraq*. Army combined arms center fort leavenworth ks.
- Power, S. (2014). The 2003 – 2004 Occupation of Iraq : Between Social Transformation and Transformative Belligerent Occupation, *Journal of Conflict and Security Law* 19(2), 341–380. <https://doi.org/10.1093/jcsl/kru003>.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2013). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* 6th Edition. ed. Gradiva, Lisboa.
- Raleiras, M. (2011). *O Doutoramento em Ciências Militares. Um fim ou uma fase do processo educativo das forças armadas?* Trabalho de investigação individual, Curso de promoção a oficial general, Instituto de estudos superiores militares, Lisboa.
- Radway, J. W. (1957). *Soldiers and scholarsm Military education and national policy*. London: Oxford University Press.
- Ray, M. (2019). Tariq Aziz. Acedido a 3 de maio de 2019 em <https://www.britannica.com/biography/Tariq-Aziz>.
- Reis, J., Amorim, M., & Melão, N. (2018). Research opportunities in multi-channel services : a systematic review. *International Journal of Production Economics*, 1–10.
- Rosenau, W. G. (1997). "Every room is a new battle": The lessons of modern urban warfare. *Studies in Conflict and Terrorism*, 20(4), 371–394. <https://doi.org/10.1080/10576109708436047>.

- Rubin, A., & Gordon, M. (2014). Iraq's military seen as unlikely to turn the tide. *The New York Times*, 1.
- Sampaio, A. (2016). Before and after urban warfare: Conflict prevention and transitions in cities. *International Review of the Red Cross*, 98(901), 71–95. <https://doi.org/10.1017/S1816383117000145>.
- Santos, L., & Lima, J. (2016). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. Cadernos do IESM, 8.
- Schensul, J. J., & LeCompte, M. D. (2013). *Essential ethnographic methods: A mixed methods approach*. Ethnographer's toolkit, book 3 (2ª Edição). Lanham, MD: AltaMi-ra Press.
- Sepp, K. I. (2007). From ' Shock and Awe ' to ' Hearts and Minds ': the fall and rise of US counterinsurgency capability in Iraq, *Third World Quarterly* 28(2), 217–230. <https://doi.org/10.1080/01436590601153606>.
- Sliwa, Z. (2009). Facing the Complex Battleground: Urbanized Terrain. *Baltic Security & Defence Review*, 11(2), 130–142.
- Smith, M. (2007). *Studies in qualitative methodology. Negotiating boundaries and borders: Qualitative methodology and development research*. (8ª Edição). Oxford: Elsevier.
- Sousa, M. J. & Baptista, C. S., 2011. *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. 1.ª ed. Lisboa: Lidel.
- Souza Cruz Teodoro, A. C., & Gonçalves Ramalho, D. (2017). O combate ao terrorismo: uma análise das principais causas e das estratégias e modelos contraterroristas. *Fronteira: Revista de Iniciacao Cientifica Em Relacoes Internacionais*, 16(32), 268–288.
- Special Inspector General for Iraq Reconstruction. (2013). *Learning from Iraq: A final report from the Special Inspector General for Iraq Reconstruction*.
- Stake, R. E. (2005). Qualitative Case Studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (2005), *The Sage handbook of qualitative research* 443–466. Thousand Oaks, CA, : Sage Publications Ltd.
- Svitak, A. (2003). Pentagon may focus on technology to help in urban fight. *Army Times*, 63(34), 30.
- Svitková, K. (2015). Cities , warfare and civilians security Concepts and Practice of Military Operations on Urban Terrain, 51–69. <https://doi.org/10.3849/1802-7199.15.2015.02.051-068>.

- Thomas, T. S. (2002). Slumlords: Aerospace Power in Urban Fights. *Aerospace power journal*, (1), 57.
- Tranfield, D., Denyer, D., & Smart, P. (2003). Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British journal of management*, 14(3), 207-222.
- UNDESA (United Nations Department of Economic and Social Affairs). (2014). World Urbanization Prospects: The 2014 Revision. New York: UNDESA. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2005.12.9>.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, P. D. (2017). World Population Prospects The 2017 Revision Key Findings and Advance Tables. *World Population Prospects 2017*, 1–46. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>.
- Van Maanen, J. (1979). *Qualitative methodology*. Sage Publications, Inc.
- Vautravers, A. (2010). Military operations in urban areas. *International Review of the Red Cross*, 92(878), 437–452. <https://doi.org/10.1017/S1816383110000366>.
- Vilelas, J., 2009. *Investigação: o Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Witty, D. (2015). *The Iraqi Counter Terrorism Service*. Brookings Institution.
- Woods, K. M., & Murray, W. (2009). *Saddam's War: An Iraqi Military Perspective of the Iran-Iraq War*. NDU Press.
- Work, C. (2018). Their Leadership and Ownership : Concepts for Warfare By, With, and Through. *Infantry*, 21–35.
- Yin, R. K. (2003). *Case study research: Design and methods* (Vol. 5).
- Zakaria, F. (2004). Hearts, Minds And Fallujah. *Newsweek*, 144(21), 43.

## **Manuais e Publicações Internacionais**

- FM 3-06 Urban operations (2006).
- TC 90-1 Training for urban operations (2008).
- ATP -99 Urban Tactics.
- Marine Corps Warfighting Publication 3-35.3, Military Operations on Urbanized Terrain (MOUT).
- Manual Completo de combate em zonas urbanas (CZZUU) 4ª Edición.
- OR 7 – 023 Orientaciones Combate en Zonas Urbanizadas.
- ATrainP-3 Education and training for urban operations (2014).

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A – GUIÃO DO INQUÉRITO POR ENTREVISTA EXPLORATÓRIA**

### **Protocolo/Guião da Entrevista Exploratória**

**Tema:** Treino de combate em áreas urbanas (CAU) aos baixos escalões - Estudo de caso Iraque.

**Destinatários:** Oficiais, Sargentos e Praças que tenham estado em missão no Iraque.

**Objetivo da Entrevista:** efetuar um primeiro contacto com os militares da Unidade, visando obter um conhecimento exploratório do treino em CAU nesta Unidade, de modo a aferir como têm desenvolvido e/ou adaptado este tipo de treino para aplicação no Iraque.

#### **1. PROTOCOLO DA ENTREVISTA**

2. Apresentação institucional
3. Apresentação do objeto de estudo
4. Solicitar autorização para gravar e transcrever a entrevista
5. Garantir o anonimato do entrevistado (termo de confidencialidade)

#### **2. INFORMAÇÃO GENÉRICA**

1. Nome:
2. Posto:
3. Quantas vezes esteve em missão no Iraque?
4. Que função(ões) desempenhou nessa(s) missão(ões)?

#### **3. QUESTÕES GENÉRICAS**

1. De que maneira se desenrola o treino dos militares Iraquianos no TO do Iraque?
2. Em que bases se apoiam para conduzir o treino?
3. Que dificuldades encontrou no TO do Iraque no treino destes militares?

#### **4. COMENTÁRIOS FINAIS**

1. Alguma coisa a acrescentar que não foi dita?
2. Obrigado pela sua participação na entrevista!



## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO**

### **Consent for participation in a research interview**

I agree to participate in a research project by\_\_\_\_\_.

The purpose of this document is to specify the terms of my participation in the project.

1. My participation as respondent is voluntary. There is no explicit or implicit coercion whatsoever to participate.
2. I have been given enough information about this research project. The purpose of my participation as respondent in this project has been explained to me and is clear.
3. The interview will last approximately 20-30 minutes. I allow the researcher to take written notes during the interview. I also allow the recording by audio tape of the interview. It is clear to me that in case I do not want the interview to be taped, I am at any point of time fully entitled to withdraw from participation.
4. I have the right not to answer any of the questions. If I feel uncomfortable in any way during the interview session, I have the right to withdraw from the interview.
5. I understand that the research will not identify my name in any reports using information obtained from this interview. However, I allow the confidential use of my current occupation or research focus. I understand that my confidentiality as a participant in this study will remain secure.
6. I have read and understood the points and statements of this form. I have had all my questions answered to my satisfaction, and I voluntarily agree to participate in this study.
7. I have been given a copy of this consent form co-signed by the interviewer.

---

Participant's Full Name

---

Participant's Signature

---

Date

---

Researcher's Signature

---

Date

For further information, please contact:

## **APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

### **Protocolo/Guião da Entrevista**

**Tema:** Treino de combate em áreas urbanas (CAU) aos baixos escalões - Estudo de caso Iraque.

**Destinatários:** Oficiais, Sargentos e Praças que tenham participado em missões no Iraque.

#### **1. PROTOCOLO DA ENTREVISTA**

6. Apresentação institucional
7. Apresentação da estrutura da entrevista
8. Solicitar autorização para gravar e transcrever a entrevista
9. Garantir o anonimato do entrevistado (termo de confidencialidade)

#### **2. INFORMAÇÃO GENÉRICA**

5. Nome
6. Posto
7. Há quantos anos está nas Forças Armadas?
8. Quantas vezes esteve em missão no Iraque?
9. Que função(ões) desempenhou nessa(s) missão(ões)?

#### **I PARTE – TREINO GERAL**

1. No seu entendimento que adaptações se devem fazer à estrutura/orgânica de um *company training team* (CTT)/ *battalion training team* (BTT)?
2. Como é orientado o treino tendo em conta a diferença do nível técnico da audiência, sendo que uns têm muita experiência, e outros, não têm qualquer tipo de experiência?
3. Quais as principais dificuldades relacionadas com barreiras idiomáticas?
4. Quais as vulnerabilidades da organização/orgânica das forças militares iraquianas? De que modo é que dificultam o treino?
5. Em que medida as diferenças culturais têm implicação no treino?
6. Devido a estas diferenças culturais, qual a melhor maneira de motivar estes militares para o treino?

7. A religião tem algum tipo de implicação no treino? Se sim, como tentam contornar essas implicações?

## **II PARTE – TREINO DE COMBATE EM ÁREAS URBANAS**

### **Pré-Treino**

1. Como é feita a preparação dos instrutores antes da projeção para o Teatro de Operações (TO)? Existem aspectos a melhorar nessa preparação?
2. Ao utilizarem as técnicas táticas e procedimentos (TTP) do Exército Espanhol para ministrar o treino de CAU aos militares Iraquianos, que adaptações tiveram que fazer a essas mesmas TTP'S de modo a conseguir ministrar o treino de CAU a estes militares?

### **Durante o treino**

3. Após a chega ao TO quais são as linhas orientadoras que são dadas, de modo a uniformizar procedimentos entre países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)? Existe algum treino de uniformização de procedimentos?
4. Onde é que estes militares iraquianos obtiveram treino antes da OTAN chegar a este TO?
5. Quais as principais dificuldades dos militares iraquianos no treino de CAU?

### **Pós-Treino**

6. Como reagem os militares iraquianos a procedimentos diferentes daquilo que aprenderam anteriormente? Como contornam essa situação?
7. De que forma o treino ministrado foi importante para o CAU? Que tipo de monitorização é feita após o treino?

## APÊNDICE D – IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Quadro n.º 5 – Identificação dos entrevistados

Código	Identificação dos Entrevistados			
	Posto	Anos nas FFAA	Nº de missões no Iraque	Função
E1	Tenente	8	1	Chefe de CTT e Instrutor
E2	Capitão	13	1	Chefe de BTT e Instrutor
E3	Cabo 1º	19	1	Instrutor
E4	Cabo Maior	25	1	Auxiliar de BTT e Instrutor
E5	Capitão	11	2	Chefe de CTT e Instrutor
E6	Sargento	15	1	Instrutor
E7	Sargento 1º	20	1	Instrutor
E8	Tenente	7	1	Chefe de CTT e Instrutor
E9	Sargento 1º	22	3	Instrutor
E10	Sargento	22	3	Instrutor
E11	Cabo 1º	21	1	Instrutor
E12	Sargento	14	1	Instrutor
E13	Brigada	27	2	Instrutor
E14	Tenente	10	1	Chefe de CTT e Instrutor
E15	Tenente-Coronel	25	2	Chefe de BTT e Instrutor
E16	Capitão	16	1	Chefe de BTT e Instrutor
E17	Tenente	10	1	Chefe de CTT e Instrutor

## APÊNDICE E – ANÁLISE DE CONTEÚDO (AUDIÊNCIA IRAQUIANA)

Quadro n.º 6 - Audiência iraquiana

Audiência	
Experiência	Difícil Controlo (Corrupção)
<b>Entrevistas</b>	
<p>E1 “É complexo, porque existe uma grande variedade dentro da audiência (...)”.</p> <p>E1 “Havia uma gama enorme de conhecimentos e atitudes bastante diferentes”.</p> <p>E2 “Na primeira semana (...) faziam um exame de prova de nível para saber o que sabiam fazer, (...) havia claramente vezes em que as praças sabiam mais que os próprios oficiais”.</p> <p>E3 “(...) têm um nível muito baixo genericamente, há alguns que têm um nível um pouco melhor porque combateram anteriormente ou tiveram instrução doutro país mas o normal que nos chegava era um nível bastante baixo”.</p> <p>E4 “A realidade com que me encontrei é que não havia militares com muito nível de treino, tinham todos no geral um nível muito baixo. Separava a audiência pelo nível de estudos (...) havia de tudo.”</p> <p>E5 “(...) o nível é muito baixo, temos mesmo de começar do zero.”</p> <p>E6 “Havia uma percentagem muito pequena que tinha experiência, porque já tinham estado em combate, e os outros sem qualquer tipo de experiência”.</p> <p>E7 “(...) não têm assim tanta experiência como dizem, eles não têm qualquer tipo de procedimentos”.</p> <p>E8 “A formação básica militar era muito baixa genericamente (...)”</p> <p>E9 “Existia uma grande diferença na audiência, por um lado veteranos de guerra, por outro lado, militares novos que não mostravam qualquer interesse”.</p> <p>E11 “Eles vêm de combater sem cabeça nenhuma, sem qualquer tipo de</p>	<p>E1 “Existe bastante corrupção no país, existem bastantes soldados fantasma, (...) que são soldados que só estão no papel”.</p> <p>E2 “Basicamente queriam apenas aparecer lá para receber armamento, (...) estavam constantemente de licença, (...) não conseguíamos ter maneira de os controlar. Os próprios comandes mentiam-nos onde estavam os militares (...) mas obviamente que não íamos pôr em causa o que eles dizem”.</p> <p>E3 “Havia casos em que os próprios militares pagavam aos seus comandantes para ficar em casa”.</p> <p>E5 “(...) é muito difícil convencer um oficial iraquiano a ter que trabalhar. Para eles um tenente ou um capitão não treina, está fora do treino, (...) mas no final já conseguimos com que participem no treino”.</p> <p>E6 “Quando chegava uma nova unidade ao campo de treino não sabíamos nada deles, (...) não têm uma lista, apenas um número de pessoas. Devíamos conseguir fazer uma identificação de todos aqueles militares”.</p> <p>E9 “Tínhamos dificuldades em controlar a assiduidade da audiência, porque alegavam que tinham que ir fazer um determinado serviço ou outro tipo de tarefa, e obviamente que tínhamos que confiar no que eles diziam”.</p> <p>E11 “(...) lá ouvíamos dizer, não sei se é verdade, que os oficiais e sargentos compravam o posto que tinham”.</p> <p>E11 “Havia algum que tinha interesse, mas a maioria não queria saber daquilo, o tempo que estão em instrução é tempo que não estão em combate, por isso vêm o treino como férias”.</p> <p>E12 “Haviam pessoas que estavam ali por obrigação, apenas queriam receber material americano, então era essa a motivação deles, e não queriam realmente aprender”.</p>

<p>procedimentos. (...) Vê-se que há alguns com experiência e são bons, mas outros que não valem nem para estar sentados”.</p> <p>E11 “Eles agrupam-se entre eles, (...) então a sensação que temos é que existem três pelotões, um de militares bons, outro de mais ou menos, e outro de maus. Portanto, nós tentamos homogeneizar esses grupos”.</p> <p>E12 “Eles eram bastante diferentes, tínhamos desde gente que tinha estado no antigo exército de Saddam e eram soldados, e gente do novo exército que não tem noção de nada”.</p> <p>E13 “Havia militares que já tinham estado em combate, mas não tinham qualquer tipo de procedimentos”.</p> <p>E14. “Experiência não é sinónimo de saber, (...) eles não têm experiência técnica”.</p> <p>E15 “A formação é muito pobre, (...) há gente que já esteve em combate, (...) mas depois quando os vemos a treinar constatamos que têm uma formação muita baixa”.</p> <p>E16 “A maioria tem menos experiência do que a que dizem ter, (...) há gente que tem bastante experiência de combate, mas muito pouco conhecimento”.</p> <p>E17 “No início fazemos uma pequena avaliação para saber como eles funcionam, (...) depois adaptamos”.</p>	<p>E12 “Os oficiais nem sequer faziam a instrução, apresentavam a força e não queriam saber de mais nada, nem sequer queria participar no treino”</p> <p>E13 “(...) são muitas coisas a fazer para conseguirmos controlar toda a gente”.</p> <p>E13 “No início da instrução perguntávamos ao chefe quantos eram e eles respondia por exemplo 200 e depois quando fazíamos a contagem só eram 120, (...) não conseguíamos controlar, (...) não existe nenhuma lista”.</p> <p>E15 “eles querem sobretudo receber material, esse é o verdadeiro interesse deles, a instrução é uma coisa secundária (...) tanto que não havia qualquer tipo de assiduidade, (...) uns dias vêm uns, noutra dia vêm outros”.</p> <p>E16 “Estas unidades quando vão para Besmaya, vão com a sensação de que estão de férias, e não pensam em se querer instruir para depois combater melhor, (...) muito relacionado com a corrupção existente no país”:</p>
---	---

## Notas de Campo

### NC 1

**Quem:** Sargento

**Quando:** 210920MAR19

**Onde:** Bar de Oficiais

**Para quê:** Esta nota de campo surgiu durante uma conversa informal, em que um Sargento que esteve como instrutor no Iraque deu a sua opinião de como a audiência se dividia em termos de experiência.

**O quê:** “A audiência dividia-se em dois grandes grupos, os que tinham experiência e os que não tinham qualquer tipo de experiência. Os que tinham muita experiência dividiam-se em dois tipos, os mais velhos que não queriam saber daquilo, e eu compreendo porque eles é que já estiveram a combater na realidade, e depois os que sentiam um compromisso com o país, com o exército e com a sociedade e então queriam aprender e tinham interesse, e viam-nos como exemplos por sermos disciplinados e organizados e tentavam ser como nós. E depois está o grupo dos que não têm nenhuma experiência, que também se divide em dois tipos. Os que querem adquirir experiência e estão sempre atentos e a tirar notas e o que são literalmente como meninos pequenos, que temos que estar sempre a chamar à atenção”.

### NC 2

**Quem:** Tenente

**Quando:** 210920MAR19

**Onde:** Bar de Oficiais

**Para quê:** Perceber o passado militar da audiência que normalmente encontram no Iraque

**O quê:** Existe uma variedade enorme dentro da audiência, alguns tinham sido treinados anteriormente por outros exércitos da Coligação, outros tiveram durante anos a ser treinados por americanos, outros que pertenceram ao antigo exército iraquiano de Saddam. Isto é importante porque em 2003, após a invasão do Iraque o exército é dissolvido e agora voltou-se a reerguer. Existiam também militares que eram uma combinação, por exemplo que antes eram oficiais no exército de Saddam e agora eram praças. Havia inclusive militares que tinham cumprido serviço militar com Saddam. Existia também um intérprete que antes era oficial e agora era civil e estava no papel de tradutor, “eram uma grande ajuda esse tradutor porque já conhecia bem os termos militares”.

### NC 3

**Quem:** Tenente

**Quando:** 221000FEV19

**Onde:** Sala tática da 2ª Companhia

**Para quê:** Compreender o nível de corrupção existente no país, e no que afeta no controlo da audiência na hora de instruir.

**O quê:** O entrevistado após o término da entrevista, de forma crítica explicou a elevado nível de corrupção existente neste país. Para além dos próprios oficiais comprarem o próprio posto, se este for uma pessoa sem qualquer tipo de moral, pode-se tornar bastante rentável. Havia militares que recebiam a título exemplificativo 1000\$ se estivessem em quartel, e se estivessem em casa recebiam apenas 600\$, os outros 400\$ eram dados ao oficial. Isto fazia com existissem militares que nunca apareciam, daí os chamados “soldados fantasma”. Todo o material e equipamento que sobrava destes militares que não apareciam, eram vendidos diretamente ao mercado negro, conseguindo assim um oficial receber mais dinheiro. Este é o conceito que eles têm de ser militar, por essa razão, quando aparece alguém a querer ensinar algum tipo de procedimentos, isso não lhes interessa.

## Documentação

Os comandantes têm de identificar os militares chave que influenciam o resto grupo de modo a conseguir um melhor controlo (ATP-99).



A audiência pode ser estratificada por diversos fatores: pode ser por níveis de riqueza, ou diferenciação por fatores como raça, identificação étnica, língua, idade, sexo, religião ou filiação política (ATP-99).

Os comandantes devem ter em conta as crenças e interesses da população. Não devemos sobrepor os nossos próprios valores sobre o grupo que estamos a tentar entender. Por exemplo, embora o suborno e o nepotismo<sup>51</sup> não sejam práticas aceites nas sociedades ocidentais, elas podem ser práticas costumeiras no ambiente urbano estrangeiro em que as forças estão a operar (FM 3-06).

---

<sup>51</sup> Prática de favorecimento de familiares ou amigos na atribuição de cargos ou privilégios por parte de um detentor de cargo público ou de alguém em posição de poder. Acedido a 19 de abril de 2019 em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/nepotismo>.

## APÊNDICE F – ANÁLISE DE CONTEÚDO (ESTRUTURA)

Quadro n.º 7 - Estrutura

Estrutura		
BTT/CTT	Baixos escalões	Barreiras Idiomáticas
Entrevistas		
<p>E1 “É preciso ajustar o volume da audiência e a capacidade de ensinar estas unidades”.</p> <p>E2 “Um dos grandes problemas é que tínhamos que adaptar a orgânica dos Iraquianos à nossa, (...) era importante levarmos uma estrutura igual à deles, ou seja, não os fazer a eles trocar, mas sim nós nos adaptarmos a eles, (...) de modo a não estarmos a “desempregar” um capitão.”</p> <p>E2 “Obviamente que quanto mais gente melhor. Considero que tínhamos o mínimo, menos é impossível. O importante é que tivéssemos uma orgânica flexível.”</p> <p>E3 “A nível da estrutura deveria de haver mais facilitadores e mais instrutores obviamente, estávamos a dobrar o trabalho.”</p> <p>E4 “(...) o número de pessoas a instruir era muito grande para a quantidade de instrutores, (...) acaba por ser um desgaste muito grande para os instrutores”.</p> <p>E5 “Seria bom dentro de cada BTT ou CTT haver militares de outras armas”.</p> <p>E1 “É principalmente em instruções de CAU que se nota que são poucos instrutores”.</p> <p>E6 “Estavam bem orientado, (...) talvez pudesse haver mais tradutores”.</p>	<p>E1 “Eles não têm o nosso conceito de estrutura orgânica, dos exércitos ocidentais, principalmente escalão secção e pelotão, não têm esses escalões tão bem articulados, sobretudo as unidades mais policiais.”</p> <p>E2 “O principal problema deles é que lhes faltavam comandantes nos baixos escalões”.</p> <p>E3 “(...) o facto de não existir uma estrutura nos baixos escalões vai dificultar obviamente”.</p> <p>E4 “Não têm uma estrutura muito bem definida, (...) eles não têm como nós, postos táticos desde esquadra até companhia. Portanto, tivemos de ser nós a forçar essa divisão e estruturação. (...) No início não aceitavam muito bem mas acabavam por aceitar”.</p> <p>E5 “Eles não respeitam muito a sua organização, (...) falta muito a figura do sargento, (...) existe uma diferença muito grande entre os oficiais e praças, devido à falta desta categoria de charneira”.</p> <p>E6 “(...) eles não têm organização nenhuma, estão todos a granel, eles não têm o emprego de cabos, que acho é fundamental”.</p> <p>E6 “Eles não respeitavam os seus postos, eles tinham a sua própria estrutura”.</p> <p>E8 “Uma unidade iraquiana não está organizada</p>	<p>E1 “Principal dificuldade é que reduz o número de instruções que se dão, o que faz diminuir o ritmo de treino. Estamos a falar que num BTT, apenas havia 6 pessoas que sabiam falar Árabe (3 tradutores e 3 facilitadores).”</p> <p>E2 “Apesar de termos poucos facilitadores, sinto que a nossa maneira de ser, assim como a dos portugueses, estava a nosso favor, porque somos mais abertos e conseguimos transmitir bem as indicações”.</p> <p>E3 “As principais dificuldades vinham do facto de haver poucos facilitadores, mas nós espanhóis, tínhamos sorte de conseguirmos passar bem a mensagem por gesticularmos e termos um bom trato, (...) mas temos noção que se perde sempre informação”.</p> <p>E4 “(...) o problema com os tradutores locais era a confiança se eles realmente estavam a traduzir corretamente e a transmitir a mensagem que eu queria”.</p> <p>E5 “Tem basicamente a ver com falta de intérpretes e facilitadores”.</p> <p>E6 “Com os tradutores havia dois problemas, primeiro assegurar-nos que eles percebiam aquilo que queríamos transmitir, e se depois conse-</p>

<p>E8 “(...) 4 homens são poucos para uma audiência tão grande”.</p> <p>E9 “(...) uma das dificuldades era o facto de terem poucos intérpretes e instrutores, na prática acho que poderia passar por virem em grupos mais pequenos”.</p> <p>E11 “Devíamos ter mais facilitadores, e com mais experiência”.</p> <p>E12 “A estrutura estava boa, mas precisávamos de mais tradutores e facilitadores, por vezes havia muita gente para a nossa capacidade”.</p> <p>E13 “Creio que há pouca gente, (...) deveria haver mais tradutores e instrutores”.</p> <p>E14. “Era preciso incluir mais pessoas, (...) com quatro pessoas é difícil instruir tanta gente”.</p> <p>E15 “Está a adaptar-se constantemente, estão sempre a haver pequenas alterações. (...) o problema é adaptar às necessidades das unidades iraquianas, (...) devíamos ter mais tradutores”.</p> <p>E16 “A organização que tínhamos era boa porque era flexível, (...) mas sempre tivemos menos interpretes do que precisávamos”.</p> <p>E17 “Devia haver mais instrutores, (...) e mais tradutores locais e que estes tivessem claro os termos militares”.</p>	<p>como nós, principalmente nos baixos escalões, (...) tinham apenas um oficial que era um comandante, e abaixo disso era uma massa de gente”.</p> <p>E9 “(...) abaixo do comandante de companhia não havia qualquer organização, e se essa organização existisse, ia facilitar o treino. Divisão essa, que chegava a ser feita pelos instrutores, mas no dia seguinte já não tinham essa organização”.</p> <p>E11 “A estrutura é muito desorganizada, eles têm uma estrutura mas não a seguem”.</p> <p>E12 “Não estavam bem organizados, (...) abaixo do Capitão não havia comandantes, (...) os sargentos não mandavam nada e em troca havia soldados que mandavam numa secção ou num pelotão. O posto muitas vezes não correspondia à função”.</p> <p>E13 “Não tinham nenhuma estrutura, era um capitão (...) e um monte de gente atrás”.</p> <p>E14 “(...) existe uma distância muito grande entre os oficiais e o resto (...) não têm uma organização como nós, (...) falta um escalão intermédio”.</p> <p>E15 “A organização deles tem muito pouca sustentação, (...) carecem uma organização adequada, (...) recai sobre o comandante de batalhão tudo, (...) ele chega a falar com os soldados por telemóvel”.</p> <p>E16 “O problema da organização é que está muito desorganizada, de companhia para baixo não está claro, (...) muitas das vezes quem manda é quem tem mais experiência, (...) isto dificulta muito o treino principalmente em CAU, em que a iniciativa em todos os níveis é muito importante, e os comandantes dos baixos escalões são fundamentais”.</p> <p>E17 “ (...) não têm clara a cadeia de comando.</p>	<p>guiam transmitir aos militares iraquianos”.</p> <p>E8 “Perdíamos muito tempo em traduções, o que fazia com que tivéssemos ritmos de treino muito baixos”.</p> <p>E9 “O idioma era uma dificuldade porque havia perda de informação entre instrutor-tradutor-instruindo”.</p> <p>E11 “Os nossos facilitadores estavam limitados porque o árabe clássico não é em muitas vezes o que eles falam, (...) e os intérpretes que são civis nem todos entendem os conceitos militares”.</p> <p>E12 “Os nossos facilitadores falavam um árabe diferente do que eles ali”.</p> <p>E13 “Eles não têm praticamente nenhuns estudos, por isso nenhum deles falava inglês, por essa razão tínhamos que recorrer sempre aos tradutores ou facilitadores”.</p> <p>E14. “(...) temos de recorrer sempre aos tradutores, (...) os facilitadores também são uma grande ajuda principalmente para instruir, no entanto para ter uma conversa é mais difícil porque têm o vocabulário muito reduzido, (...) na preparação dos instrutores também devíamos ter mais conhecimento do vocabulário árabe”.</p> <p>E15 “Perde-se muito tempo para passar a mensagem e que esta seja compreendida pela outra parte, (...) perde-se muita informação”.</p> <p>E16 “(...) Nós em espanha temos a figura do facilitador, (...) o problema é que muitos deles têm um domínio muito baixo do árabe, (...) o idioma acaba por limitar o grupo e as atividades que se podem fazer”.</p> <p>E17 “(...) a barreira muitas vezes era o tradutor,</p>
--	---	--

	Muitas vezes quem manda é quem tem mais capacidades e não quem tem o posto, (...) o posto não corresponde á função, (...) não está bem definida a figura do sargento”.	(...) que não tinha bem claro o que estava a traduzir. (...) muitas vezes percebíamos que havia perda de informação”.
--	--	---

## Notas de Campo

### NC 4

**Quem:** Tenente

**Quando:** 251500FEV19

**Onde:** Sala tática da 2ª Companhia

**Para quê:** Percebermos como se articula um BTT, e como esta estrutura está em constante alteração.

**O quê:** Através do esclarecimento deste tenente e com o apoio de alguma documentação conseguimos perceber genericamente como está articulado o treino militar no Iraque. Existem vários centros de treino no Iraque, que são chamados de *Building Partnership Capacity* (BPC). No caso desta missão, o BPC está localizado no Campo de Besmaya. Dentro deste BPC existem várias unidades, como por exemplo Unidade de Proteção (UPROT), Unidade de Logística (ULOG) e as Equipas de Instrução de Brigada (BDE). E é portanto, dentro dos BDE que se encontram os BTT (Apêndice J). Neste apêndice conseguimos observar a estrutura de um BTT para a missão no ano de 2018.

Com recurso ao caderno de campo da missão do Iraque de 2015 conseguimos observar que a constituição de um CTT era diferente comparando com a estrutura de 2018, visto que, em 2015 um CTT contava apenas com três instrutores, um oficial e dois sargentos. No ano de 2018 são quatro instrutores por cada CTT e ainda dispõem de mais um facilitador e um tradutor por CTT.

### NC 5

**Quem:** Sargento

**Quando:** 151000MAR19

**Onde:** Sala Tática 2ª Companhia

**Para quê:** Falta de liderança aos baixos escalões.

**O quê:** “Tivemos algumas dificuldades relativamente à estrutura que eles tinham. Sentia que havia entre eles duas estruturas. Uma coisa era a estrutura dos galões e outra a estrutura social. E no que pude observar, eles seguiam mais a estrutura social que a dos galões. Quer isto dizer que um oficial, por ser oficial, não queria dizer que mandasse mais, havia casos que soldados por pertencerem a determinada casta social era muito mais influente e liderava mais que o próprio oficial”.

### NC 6

**Quem:** Sargento

**Quando:** 151000MAR19

**Onde:** Sala Tática da 2ª Companhia

**Para quê:** Nesta nota de campo conseguimos perceber uma das dificuldades das barreiras idiomáticas, a confiança se o tradutor está a transmitir a mensagem que realmente queremos.

**O quê:** Durante uma sessão teórica que estava a dar aos militares Iraquianos e na qual tinha o apoio de um tradutor para explicar em árabe aquilo que estava a ensinar, a uma determinada altura da sessão os militares iraquianos começaram-se todos a rir no momento em que o tradutor estava a transmitir a mensagem.

### NC 7

**Quem:** Entrevistador

**Quando:** 031000ABR19

**Onde:** Polígono de Combate em Povoação

**Para quê:** Percebermos a dificuldade da barreira idiomática em CAU

**O quê:** Tivemos oportunidade de assistir à primeira instrução de CAU de alguns soldados da companhia. Podemos observar que apesar de durante treino de CAU se possa recorrer bastante a gestos para corrigir determinados aspetos, nas primeiras instruções é necessário falar bastante, no sentido de explicar bem o porquê de se fazer determinado procedimento para que os consigam interiorizar e pôr em prática.

## Documentação

Devido à natureza das Operações Urbanas, o foco crítico é mais frequentemente no nível de Companhia e abaixo. (ATP-99).

Os líderes de pelotão e secção serão confrontados com decisões podem facilmente ter impactos estratégicos e nacionais, cada soldado é um guerreiro e um diplomata ao mesmo tempo, cada ação que tomam está sujeita a transmissão instantânea em todo o mundo (ATP-99).

Os comandantes têm que identificar os militares chave, influentes. (ATP-99).

A audiência pode estar estratificada por diversos fatores: pode ser por níveis de riqueza, ou diferenciação por fatores como raça, identificação étnica, língua, idade, sexo, religião ou filiação política (ATP-99).

É necessário ter em conta a estrutura social, comunicar através do comandante, assim como não misturar castas e classes, de modo a não quebrar a ordem social tradicional (Manual Completo de combate em zonas urbanas (CZZUU) 4ª Edición).

Talvez seja o idioma, um dos fatores mais importantes, se existir uma compreensão do idioma local, haverá uma percentagem elevada de sucesso (CZZUU 4ª Edición).

No ambiente urbano um dos fatores que condiciona o desenvolvimento das operações e os procedimentos a utilizar é o controlo descentralizado, é necessária uma responsabilidade individual. Conceito de “cabo estratégico”, em que ações de um único militar poderá desencadear consequências importantes (CZZUU 4ª Edición).

Devido à complexidade do combate em zonas urbanas, as medidas de controlo são essenciais e por essa razão deve-se centralizar o planeamento e descentralizar a execução. Como consequência, a iniciativa das pequenas unidades adquire uma importância adicional, porque a probabilidade de combaterem isoladas é muito elevada. Mas para isso é necessário estabelecer uma organização operativa sólida nos baixos escalões (OR7 – 023).

O combate urbano requiere liderança de pequenas unidades, iniciativa e técnica para fazer ações descentralizadas ( *Marine Corps Warfighting Publication (MCWP) 3-35.3, Military Operations on Urbanized Terrain (MOUT)*).

Grande parte do combate em áreas urbanas ocorre geralmente entre pequenos grupos de combatentes. O sucesso ou o fracasso é determinado por decisões e ações tomadas quase instintivamente por soldados individuais ou pequenas equipas (FM 90-10-1).

Emprego de tradutores (Anexo B – Emprego de tradutores).

Exemplo de algumas palavras e expressões que todos os militares têm acesso no caderno de campo do iraque.

INGLES	ARABE	CASTELLANO
Hello.	MARhaban	Hola
Please?	men FADlek	Por favor
Thank you.	SHUKran	Gracias
Yes.	na`am	Si
No.	la	No
What?	maa	¿Que?
When?	mata	¿Cuando?
Where?	AYNa	¿Dónde?
Which?	aiya	¿Cual?
Who?	man	¿Quien?
Why?	liMAZa	¿Por qué?
How much/many?	kaam	¿Cuanto/Cuantos?
How are you?	Kayfu HALukum?	Como estas/ Como está Vd?
I am fine, thank you.	Anna KWAIsa, SHUKran	Estoy bien, gracias
Good morning.	soBAH alKHAIR	Buenos días
Good morning. (reply)	soBAH alNOOR	Buenos días (respuesta)
Good evening.	meSAH alKHAIR	Buenas tardes
Good evening. (reply)	meSAH alNOOR	Buenas tardes (respuesta)
Good night.	layla SAIDa	Buenas noches
Welcome.	AHlen wa SAHlen	Bienvenido
Praise God.	alHUMD`allah	Si Dios quiere
Excuse me.	AFwaan	Disculpe, perdone
What is this?	Ma HAZa	¿Qué es esto?
This is mine.	HAZa li	Este/o es mio.
This is not mine.	HAZa LAISa li	Este/o no es mio.
What does this mean?	Ma MA Na HAZa	¿Qué significa?
Do you speak English?	hal tetaKALum enGLIzi	¿Hablá inglés? ¿Habla español?
I am an American.	anna amRIKi	Soy americano, soy español
I understand.	anna AFhaam	Comprendo
I don't understand.	anna la AFhaam	No comprendo
Can you help me?	MOOMkin tiSA`ADni	Puede ayudarme
I'm hungry.	anna ga`ANna	Tengo hambre
I'm tired.	anna ta`aBAAN	Estoy cansado
I'm lost.	anna toht	Estoy perdido
No smoking.	memNOOR aTADkhin	No fumar

Figura n.º 6 - Guia idiomático

Fonte: Caderno de campo dos instrutores

ESPAÑOL	PRONUNCIACIÓN ARABE
<b>SALUDOS</b>	
Buenos días	Sabáhal-jír
Buenas tardes	Masá-al-jír
Buenas noches	Laila sai-ida
¿Qué hay? ¿Qué tal?	Kaifal-hál
¿Como está usted?	¿Kir hálek?
Muy bien gracias	Bijair, shucran
¿Y su familia?	¿Wal-aá-i-la?
Está bien	Lá bás
Hasta mañana	Ilá bucrá
Hasta la vista	Ilál-liqá
Hasta pronto	Ilál-liqá
<b>PREGUNTAS</b>	
¿Habla usted español?	¿Hhal tatakál-lam Isbaní?
¿Comprende usted?	¿Hhal tafhham?
¿Cómo ha dicho?	¿Mádá qult?
¿Quién es?	¿Man?
¿Qué es eso?	¿Má hhadá?
¿Dónde va usted?	¿Aina tadhhab?
¿Qué quiere usted?	¿Mádá turíd?
¿Está usted seguro?	¿Anta muta-akkid?
¿De veras?	¿Sahíh?
¿Cuánto?	¿Kam?
¿Cuántos?	¿Kam min wáhid?
¿Aquí o allá?	¿Hhuná aw hhunák?
¿Por qué?	¿Li-mádá?
<b>AFIRMACIONES</b>	
Sí	Naam
De acuerdo	Muwáfiq
Es verdade	Sahíh
Quizá	Mumkin
Como usted quiera	Kamá turid

**Figura n.º 7 – Pronuncia espanhol - árabe**

**Fonte: Caderno de campo dos instrutores**



## APÊNDICE G – ANÁLISE DE CONTEÚDO (SOCIEDADE URBANA)

Quadro n.º 8 - Sociedade Urbana

“Sociedade Urbana” ( FM 3-06)	
Cultura	Religião
<b>Entrevistas</b>	
<p>E1 “É muito difícil a motivação daqueles militares porque eles não compreendem a necessidade de instrução como nós exércitos ocidentais (...)”.</p> <p>E1 “A melhor maneira de os motivar é mostrando, (...), se eles vêm que determinados procedimentos realmente funcionam e podem salvar vidas, então aí eles querem aprender”.</p> <p>E3 “(...) para os motivar para o treino a melhor maneira é conseguirmos criar um vínculo com eles, após estabelecer esse vínculo conseguimos tudo deles, (...) atingimos mais objetivos que imagina. Mas também têm ver que trabalhamos (...)”.</p> <p>E4 “Eles são muito competitivos, então a melhor maneira de os motivar passa por aí”.</p> <p>E5 “A motivação diária é complicada porque para eles não faz sentido treinar e repetir procedimentos”.</p> <p>E6 “Descobri que picando-lhes o orgulho eles ganhavam motivação”.</p> <p>E7 “(...) não têm a mentalidade de treino, (...) se não estão a combater não precisão de treinar, (...) ou estão em frente de combate, ou em casa a descansar.”.</p> <p>E9 “Tinha que os ludibriar através de jogos para os motivar, porque eram muito competitivos entre eles e queriam sempre mostrar que eram os melhores”.</p> <p>E10 “Eles não gostam muito de trabalhar, (..) têm muito pouca disciplina”.</p> <p>E11 “Eles vinham sempre sem motivação nenhuma, nem sequer para fazer treino físico, tinha de ser através de jogos, se não, não faziam nada e através de instruções o mais práticas possível.(...) Arranjámos também uma maneira de os motivar, que foi entregar um prémio a um oficial, sargento e praça</p>	<p>E1 “Durante o Ramadão a quantidade de treino baixa porque estão mais fracos, (...) mas tirando esse período a religião não tem qualquer implicação no treino”.</p> <p>E2 “Não senti que fossem um povo muito fanático, (...) apenas no Ramadão tinham que ter atenção que estavam mais fracos porque não comiam.”</p> <p>E3 “Tenho noção que entre eles existe um pouco de conflito, (...) temos de mostrar ser neutros, (...) e não nos envolver</p> <p>E4 “Não demonstraram que a religião tivesse implicações no treino, mas tentava não falar no assunto.”</p> <p>E5 “Havendo respeito mútuo, (...) não é o que mais tem implicações no treino.”</p> <p>E6 “Respeitavam mais uma pessoa que segue uma determinada religião, mesmo que diferente da deles, do que alguém sem qualquer tipo de crença. No entanto não podemos falar sobre a sua religião, é um tema tabu para elas, (...) portanto o melhor é evitar”.</p> <p>E7 “Tirando o Ramadão, acho que a religião não afeta o treino em nenhum momento”.</p> <p>E11 “Não tinha implicação, estavam era sempre em festa em honra de algum profeta, (...) Só durante o Ramadão é que diziam que não queriam fazer instruções muito físicas para não suar porque não podiam beber água, desculpas”.</p> <p>E12 “Não vi que a religião afectasse ”.</p> <p>E13 “Não tem qualquer tipo de implicação, mas também fazíamos para não falar disso, porque não sabíamos até que ponto poderiam ficar ofendidos”.</p> <p>E14 “A religião não tem qualquer tipo de efeito, (...) eles não são muito</p>

<p>que se destaquem e mostrem mais interesse”.</p> <p>E12 “Nós estamos habituados a treinar a um ritmo intenso, e eles estão sempre sem vontade e a querer descansar, (...) para os motivar devia-se reforçar a escala de sargentos que são a coluna vertebral do exército e envolver mais os oficiais no treino, porque se o oficial não fizer nada, os subordinados vão adotar a mesma postura”.</p> <p>E13 “Nós somos mais ativos e eles mais pausados e parados, (...) não têm vontade de fazer as coisas. Queriam sempre descansar. (...) Para os motivar tinha de ser através de jogos ou para fazer tiro, isso eles gostavam”.</p> <p>E14 “Para os motivar não podemos dedicar o tempo apenas a instruir, também temos de nos envolver pessoalmente com eles”.</p> <p>E15 “A melhor maneira de os motivar é convencer de que são um país que foi o berço da civilização, (...) as motivações deles para o treino não têm nada a ver com as nossas, não têm o nosso conceito de nação e pátria, (...) é disso que os temos de convencer”.</p> <p>E16 “Temos de nos adaptar a eles, (...) o ritmo de trabalho é diferente, precisam de mais pausas e atividades mais variadas. Motivar é muito complicado, (...) eles são reticentes ao treino, (...) temos de os conhecer para perceber o que os motiva, (...) mas eles tinham mais interesse nas instruções de CAU, visto que era onde têm maior probabilidade de combater”.</p> <p>E17 “A melhor maneira de os motivar é fazer com que os seus chefes se apliquem e se envolvam, (...) não podemos ser nós instrutores a incutir a disciplina, (...) isso é o papel dos chefes”.</p>	<p>fanáticos”.</p> <p>E15 “Eles são muito hábeis para utilizar a religião para o que lhes interessa (...) eles não são muito fanáticos, muitos deles têm a religião um pouco de lado”.</p> <p>E16 “Antes de chegar ao iraque pensava que a religião ia ter mais importância, (...) o único problema é o período do ramadão em que o ritmo de treino baixa, mas tirando isso não há nenhum problema”.</p> <p>E17 “(...) utilizam a religião apenas como desculpa”.</p>
--	---

Notas de Campo
<p><b>NC 8</b>  <b>Quem:</b> Sargento  <b>Quando:</b> 211200MAR19  <b>Onde:</b> 3ª Companhia  <b>Para quê:</b> Perceber a dificuldade em motivar os militares iraquianos para ao treino.  <b>O quê:</b> Durante uma conversa informal, este sargento referiu que uma das maiores dificuldades que encontraram no Iraque, foi a capacidade de motivar os militares iraquianos no dia-a-dia para o treino. Por uma questão cultural, eles não vêem o treino como nós exércitos ocidentais, em que treinamos para conseguirmos combater melhor. No pensamento daqueles militares, se não estão a combater não precisam de treinar. Não faz sentido o treinar, repetir e insistir. Fundamentalmente, a motivação destes militares no exército é apenas o sustento, e o objetivo é trabalhar o menos possível.  Tudo o que for instruções mais teóricas, eles não têm qualquer tipo de interesse, chegam mesmo a dormir durante as instruções, e grande maioria das vezes são os oficiais os primeiros, que em vez de darem o exemplo são os piores. Para contrariar isso, tentam fazer as instruções o mais práticas possível e evitar falar muito.</p>
Documentação
<p>Comandantes em todos os níveis devem compreender completamente as áreas em que estão a atuar, tanto as forças envolvidas, como fatores culturais e religiosos (ATP-99).</p> <p>As nossas avaliações das situações devem basear-se no conhecimento das normas locais, sociais e culturais (ATP-99).</p> <p>É fundamental para o sucesso nas operações urbanas obter o apoio das pessoas, deve ser das principais considerações de um comandante (ATP-99).</p> <p>É essencial uma boa relação com líderes chave (ATP-99).</p> <p>É necessário identificar se na área de operações a religião é determinante ou não. Caso seja, deve-se expressar um profundo respeito pelas suas crenças, talvez muito maior do que estamos acostumados no nosso país (CZZUU 4ª Edición).</p> <p>O movimento no combate urbano exige técnicas fundamentais que cada militar deve adquirir, e essas técnicas devem ser praticadas até que sejam feitas instintivamente (CZZUU 4ª Edición).</p> <p>O sucesso nas operações em ambiente urbano depende do treino de técnicas e procedimentos fundamentais (MCWP 3-35.3 MOUT).</p> <p>Questões étnicas, religiosas e outras questões sociais podem criar um clima de <i>stress</i> produzido pela alta tensão da vida urbana. Nesses casos, todos os níveis de comando têm de estar particularmente preocupados em manter a imparcialidade (FM 3-06)</p>

## APÊNDICE H – ANÁLISE DE CONTEÚDO (TREINO DE COMBATE EM ÁREAS URBANAS)

Quadro n.º 9 - Treino de combate em áreas urbanas

Treino	
Simplicidade	Comando e Controlo
<b>Entrevistas</b>	
<p>E1 “A verdade é que tinham muitas dificuldades, (...) coisas mais abstratas eles perdiam-se totalmente, (...) por exemplo quando queríamos fazer um exercício em áreas urbanas e queríamos trabalhar com “Kill Box” para explicar o que cada um vai fazer, (...) através desses meios eles não conseguem perceber, (...) eles perdiam-se no próprio campo de manobras, não têm qualquer conhecimento de orientação. Por essa razão tivemos que simplificar bastante a transmissão de informação”.</p> <p>E1 “Eles não tinham determinado meios, como por exemplo meios para combate em visibilidade reduzida, por essa razão, não treinávamos combate urbano à noite, (...) é um exemplo das adaptações que tínhamos que fazer às nossas TTP”.</p> <p>E2 “Nós já temos alguns procedimentos que estão na “moda” entre os exércitos ocidentais, (...) lá o que tivemos de fazer foi apenas baixar o nível, ou seja, tornar mais simples, (...) não temos tempo para fazer coisas muito complexas”.</p> <p>E4 “As adaptações que tivemos que fazer foi apenas adaptar ao nível deles, tornar as instruções mais básicas.”</p> <p>E6 “Não são verdadeiramente conscientes do perigo, não adotam medidas preventivas básicas, (...) mais valia dar pouco mas bem, e repetir (...)”.</p> <p>E7 “(...) eles não têm capacidade para aprender mais em tão pouco tempo”.</p> <p>E10 “(...) em tão pouco tempo, só conseguimos dar o básico”.</p> <p>E11 “Sobretudo no CAU, os procedimentos estão sempre em constante evolução, daí já termos alguns procedimentos mais complexos e, quando chegamos lá, temos que adaptar ao nível deles, que não têm noção de nada”.</p> <p>E12 “Logicamente que o nível deles em termos táticos é muito inferior ao</p>	<p>E5 “Como não têm comunicações como nós temos, tivemos que adaptar (...) porque não conseguem fazer o mesmo que nós não tendo determinados meios.”</p> <p>E6 “Tivemos que adaptar às suas orgânicas e materiais, (...) e mostrar a necessidade de trabalhar em grupos que sejam sempre os mesmos, bem estruturados e com comandantes bem definidos para se conseguir transmitir ordens (...)”.</p> <p>E8 “Existe uma dificuldade no comando e controlo, pelo facto de não terem comunicações, e o facto de não terem uma estrutura organizada. Isto vem dificultar, principalmente, no treino de CAU, (...) porque a grande maioria das ações são de escalão secção e pelotão, (...) facilmente existem divisões em combate urbano (...)”.</p> <p>E10 “Tinham muita dificuldade em se coordenarem entre eles na hora de fazer determinado exercício, obviamente que essa dificuldade se nota mais durante o CAU”.</p> <p>E13 “(...) o facto de eles não terem uma estrutura bem organizada vem dificultar o comando e controlo, (...) não estão habituados a trabalhar sempre com as mesmas pessoas”.</p> <p>E14 “(...) eles não têm praticamente nenhum material, incluindo comunicações, por essa razão e por outros fatores acaba por não existir muito comando e controlo”.</p> <p>E15 “(...) não têm uma estrutura adequada de comando e controlo, (...) não têm nada para comunicar, e isso é essencial em CAU, (...) para ter comando e controlo é crucial ter uma organização perfeitamente clara”.</p> <p>E16 “Outra dificuldade é o equipamento, (...) como não têm comunicações é</p>

<p>nosso, acabávamos por fazer as coisas mais simples, (...) de maneira a eles conseguirem perceber bem as coisas, (...) e não chegávamos a dar as nossas TTP completamente”.</p> <p>E12 “Nós queríamos ensinar coisas mais modernas, mas era difícil porque a maioria não queria aprender”.</p> <p>E14 “Eles não têm a grande maioria de material que nós temos para o CAU, por essa razão tínhamos que adaptar ao material, (...) e às instalações existentes”.</p> <p>E15 “(...) têm muitas dificuldades na própria técnica individual”.</p> <p>E16 “Como no geral o nível era muito baixo, tivemos de simplificar, fazer mais fácil, (...) cumprir os requisitos mínimos, por exemplo segurança 360°, (...) aqui em espanha fazemos coisas mais complexas, em que descoramos a segurança para dar primazia á velocidade, (...) e como o nível cultural deles também é muito baixo tínhamos de ensinar as coisas simples, (...) eles não estão habituados a ter aulas”.</p>	<p>impossível o comando e controlo”.</p>
--	--

## Notas de Campo

### NC 9

**Quem:** Capitão

**Quando:** 031500ABR19

**Onde:** Sala Tática da 2ª Companhia

**Para quê:** Compreendemos o que era para os entrevistados tornar o treino mais simples.

**O quê:** Segundo este capitão, no Iraque, os militares iraquianos não têm praticamente material nenhum, apenas a arma, colete e capacete, no máximo. Esta falta de material faz com que claramente os militares ocidentais, neste caso os espanhóis, tenham que tornar as coisas mais simples comparando com a forma que treinam em Espanha. Por exemplo:

- Falta de comunicações, que vem dificultar o comando e controlo;
- Em Espanha fazem treino de CAU com viaturas e no Iraque não existem viaturas;
- Em Espanha utilizam também alguns métodos de entrada em habitações que não conseguem utilizar no Iraque, nomeadamente os métodos que utilizam explosivos;
- A falta de infraestruturas no Campo Besmaya para treinar CAU;
- Falta de equipamentos de visão noturna (Apêndice K);
- Em Espanha têm também o treino de combate em subterrâneos bastante desenvolvido, e no Iraque não têm nem infraestruturas nem equipamentos para conseguir treinar;
- Outro fator que obviamente também é bastante importante, é o tempo. Visto que têm de começar do zero, o tempo que as unidades militares iraquianas estão no Campo Besmaya é muito reduzido para se conseguir fazer coisas mais complexas.

### NC 10

**Quem:** Investigador

**Quando:** 181000MAR19

**Onde:** Sala Negra (Apêndice L – Sala negra)

**Para quê:** Perceber o exemplo de uma adaptação que esta unidade tem de fazer no Iraque.

**O quê:** Pude constatar, ao assistir e participar numa sessão de treino de CAU em visibilidade reduzida, que esta unidade tem este tipo de combate bastante desenvolvido, assim como dispõem de meios e infraestruturas próprias (Apêndice L – Sala negra). É claramente uma adaptação que têm de fazer às suas TTP no Iraque, visto que, os militares iraquianos não têm meios para combate em visibilidade reduzida, assim como, infraestruturas próprias para o treino.

### NC 11

**Quem:** Investigador

**Quando:** 211200MAR19

**Onde:** 5ª Companhia

**Para quê:** Compreender que o nível atingido não é muito elevado.

**O quê:** No final de uma entrevista, o entrevistado mostrou algumas imagens e vídeos da sua missão no Iraque. Pudemos observar o exercício final de uma unidade Iraquiana em CAU. Conseguirmos confirmar que o nível que atingem não é muito elevado, no entanto, já cumprem corretamente os procedimentos básicos de CAU sem comprometer a própria segurança e dos restante elementos.

Através dos vídeos conseguimos também constatar que não existem muitas infraestruturas para conseguirem treinar CAU, as poucas infraestruturas que existem não são suficientes para dar resposta em alturas em que estão muitas unidades iraquianas a ser instruídas no Campo Besmaya. Por essa razão, os militares espanhóis tiveram a necessidade de improvisar uns compartimentos para treinar. Sendo também esta uma das razões para não se conseguir fazer coisas mais complexas.

### NC 12

**Quem:** Sargento

**Quando:** 211400MAR19

**Onde:** 1ª Companhia

**Para quê:** Percebermos até que ponto o nível é bastante baixo por parte dos militares iraquianos, e que eles não têm qualquer tipo de procedimentos.

**O quê:** Durante uma conversa informal com vários sargentos, contaram um episódio que aconteceu quando estavam a dar instrução no Iraque. A realidade com que se encontraram é que eles não têm qualquer tipo de procedimento, isso acontecia tanto em instruções mais complexas, como também na sua própria segurança no manuseamento de armamento. Após várias chamadas à atenção por parte dos instrutores para não andar com o dedo no gatilho, algo que é impensável num exército ocidental, um dos militares iraquianos num exercício com munição real deu um disparo contra a própria perna, isto porque andava com o dedo no gatilho.

### Documentação

O controlo por si só já é difícil, por essa razão temos de simplificar e ser flexíveis (ATP-99).

As operações urbanas são difíceis de controlar, o controlo uma vez perdido é difícil de recuperar, por esse motivo os procedimentos devem ser realistas e simples (ATP-99 Urban Tactics).

A realização de operações em ambiente urbano já são complexas e exigentes, no entanto, as operações à noite ainda aumentam mais o nível de comando, pois, exige bastante planeamento, coordenação e medidas de controlo (ATP-99).

É vital termos sistemas eficazes para conseguir numerar e identificar edifícios e fachadas. Existem portanto três sistemas de croquis: *Kill Box* (Figura 8), eficaz para áreas com ruas rectangulares e combinadas; *Key Pad* (Figura 9), eficaz para áreas rectangulares, em áreas radiais ou concêntricas; e por último DMPI (Figura 10), eficaz em zonas urbanas sem padrão (CZZUU 4ª Edición).



Figura n.º 8 - Kill Box



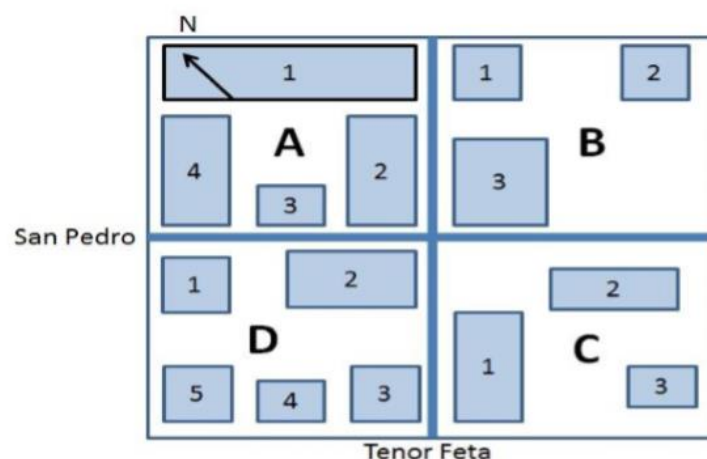


Figura n.º 9 - Key Pad



Figura n.º 10 - DMPI

O comando e controlo é essencial para que a intenção do comandante seja claramente entendida a todos os níveis, após definidos os parâmetros os comandantes devem dar liberdade de ação aos seus subordinados para realizar as suas tarefas, com tempo e recursos suficientes (ATP-99).

O planeamento tem de ter em conta que o ambiente urbano reduz geralmente as possibilidades de comunicação (ATP-99).

É inevitável que o ambiente urbano tenha implicações no comando e controlo em termos de comunicações, por essa razão é importante o estabelecimento de bons procedimentos de voz, e devem ser as mais simples possíveis (ATP-99).

Uma das principais limitações da infantaria ligeira em meio urbano, é a grande dificuldade em comando e controlo (CZZUU 4ª Edición).

Uma das características do combate em zonas urbanas é a sua complexidade, no qual o comando e controlo são difíceis, assim como a coordenação e execução de ações, em todas as situações. O comando deve exercer-se tão á frente quanto possível para controlar a ação (OR7



– 023).

O risco de fratricídio é maior durante os períodos de visibilidade reduzida. A chave para evitar o fratricídio é aumentar a conscientização situacional por parte dos líderes, juntamente com o treino realista (MCWP 3-35.3, MOUT).

No combate urbano dificuldades no comando, controlo e comunicações são regularmente encontradas (MCWP 3-35.3, MOUT).

## APÊNDICE I – ANÁLISE DE CONTEÚDO (PROCEDIMENTOS DE COMBATE EM ÁREAS URBANAS)

Quadro n.º 10 - Procedimentos de combate em áreas urbanas

Procedimentos	
Unificação de Procedimentos	Troca de procedimentos
<b>Entrevistas</b>	
<p>E1 “(...) Não havia uma uniformidade completa, (...) não existe um manual base para que todos ensinem o mesmo, (...) para instruir os militares iraquianos, é importante uniformizar”.</p> <p>E2 “todas as instruções seguiam as Programme of Instruction (POI), o problema é que eram documentos muito genéricos, ou seja, apenas dizia o que tínhamos de fazer, mas não como o fazer, (...) era bom que fosse criado um manual base para que todos os países da Coligação fizessem o mesmo. No entanto, não o vejo como essencial porque o nível é demasiado baixo.”</p> <p>E3 “Deveria haver um programa, no qual se fosse avançando na instrução, (...) tendo em conta que estão sempre a chegar instrutores novos, de países diferentes, e que estes devem de dar da mesma maneira que estava a ser dada.”</p> <p>E4 “O ideal era que a OTAN ou a Coligação nos dissesse como querem que ensinemos. Ainda mais crítico é, numa tarefa como o CAU, que cada unidade tem os seus procedimentos, é essa a principal lacuna.”</p> <p>E5 “Não existem muitas orientações para unificar. Por exemplo, cheguei, a estar com Franceses e eles davam outras coisas e outros procedimentos, não existe uma unificação a nível OTAN ou da Coligação.”</p> <p>E6 “Todos os Exércitos têm procedimentos diferente. Era interessante que a nível da Coligação existisse alguma coisa. (...) Se realmente queremos instruir aqueles militares, há que unificar, mas também é importante definir o nível de empenhamento (...)”.</p> <p>E7 “Em CAU não existe muita uniformização de procedimentos (...), não têm nada escrito, que eu saiba (...)”.</p> <p>E8 “O facto de não haver uma unificação de procedimentos, apenas umas</p>	<p>E1 “Muitas vezes eles questionavam [mas o que é que é melhor, o que tu me estás a ensinar ou como os americanos nos ensinaram], caso houvesse algo a uniformizar procedimentos ia reduzir muitos problemas.”</p> <p>E1 “Também temos de ser um pouco flexíveis, temos de conseguir avaliar se estão a dizer alguma barbaridade ou se algo com sentido, nesses casos mantinha o procedimento, (...) principalmente temos de ter em consideração, o que eles dizem que lhes disseram, o que eles entenderam e o que eles realmente fazem. (...) Não podemos estar sempre a destruir o que está feito e construir de novo”.</p> <p>E2 “Tentávamos ao máximo que fizessem os nossos procedimentos, isto porque, se um CTT é flexível para um lado, e outro CTT é flexível para outro lado, começam a haver grandes discrepâncias.”</p> <p>E4 “(...) na visão deles, eles sabem sempre o melhor do mundo. O pensamento deles era “como é que me vais ensinar alguma coisa se eu é que já estive a combater?”</p> <p>“Para contrariar isso, tínhamos de explicar bem o porquê de fazer de outra maneira”.</p> <p>E5 “É claramente mais difícil fazê-los trocar os procedimentos do que ensinar do zero.”</p> <p>E6 “Tudo depende da maneira como apresentamos o novo procedimento (...)”.</p> <p>E8 “(...) leva algumas vezes à confusão da própria audiência”.</p> <p>E9 “(...) começam a reclamar que há uns meses atrás lhes ensinou de outra maneira, havia portanto algumas diferenças nos procedimentos entre exércitos, o que naturalmente dificultava o treino”.</p>

<p>fichas muito genéricas, fazia com que os diferentes BTT treinassem com procedimentos diferentes, (...) sendo que essa unificação de procedimentos ao nível OTAN já existe em módulos mais técnicos como o C-IED, o mesmo não acontece no CAU”.</p> <p>E9 “Concordo com a necessidade de estarem estandardizados os procedimentos para as instruções, visto que, isso já existe noutro tipo de instruções”.</p> <p>E11 “Seria uma ideia interessante criar um manual que todos os exércitos seguissem de maneira a ensinarmos todos o mesmo. Um manual único”.</p> <p>E13 “Creio que seria importante a criação de um manual básico, (...) de modo a seguirmos todos os mesmos procedimentos”.</p> <p>E14 “Como eramos o país que liderava, usávamos quase sempre as nossas TTP, mas seria importante que criassem um manual, (...) de modo a que todas as unidades que chegassem ao iraque soubessem que era aquele manual que tinham que ensinar”.</p> <p>E15 “Apenas temos as POI, que são programas estandardizados, (...) mas dão margem para que cada país possa aplicar as TTP que quiser (...) era importante que eles tivessem os seus próprios manuais, os seus próprios instrutores, gente qualificada. (...) Eles carecem de um corpo doutrinal como nós exércitos ocidentais temos”.</p> <p>E16 “Não nos foi dada indicação de uniformização de procedimentos, (...) tínhamos as POI que nos dizem o que temos de conseguir, mas não como. Mas no meu ver, o importante é os objetivos, por exemplo se têm segurança 360° assegurada e não a maneira como a estão a assegurar”.</p> <p>E17 “Provavelmente a coligação tem um manual que diz que é aquilo que ensina, mas o que acontece na realidade é que cada país ensina as suas TTP”.</p>	<p>E11 “Tentar trocar uma ideia que eles já têm há algum tempo é difícil, os mais novos é mais fácil moldá-los, mas os mais velhos era mais difícil”.</p> <p>E12 “Eles são duros de cabeça, (...) eles procuram sempre o mais fácil, por isso era difícil trocar a mentalidade”.</p> <p>E13 “Muitos deles como já tinham sido treinados pelos americanos, tínhamos que insistir com eles para trocar alguns procedimentos. (...) Ensinamos exatamente o que fazemos em espanha.”.</p> <p>E14 “Eles aplicam tudo o que dizemos, (...) mas no fundo sinto que eles o acham útil e não o vão aplicar nas unidades”.</p> <p>E15 “(...) tentamos oferecer possibilidades (...) se o procedimento for válido compreendemos”.</p> <p>E16 “(...) é complicado fazer ver alguém que tem experiência que está a fazer mal”.</p> <p>E17 “Inicialmente reagiam mal, porque supostamente é o que já usaram em combate”.</p>
--	--

## Notas de Campo

### NC 13

**Quem:** Tenente

**Quando:** 151400MAR19

**Onde:** Campo de Manobras da base “Álvarez de Sotomayor”

**Para quê:** Perceber com que bases criaram o seu próprio manual de CAU

**O quê:** O nosso manual segue os princípios/procedimentos básicos NATO e de doutrina Americana, naturalmente adaptado à nossa organização e orgânica. No entanto, todos os anos fazemos umas jornadas de CAU. Estas jornadas consistem em praticar todas as TTP do nosso manual do início ao fim, para percebermos se precisamos adaptar ou modificar algum procedimento. É este o ponto de partida base na criação do manual e das várias edições que já existem.

### NC 14

**Quem:** Sargento

**Quando:** 101300MAR19

**Onde:** 1ª Companhia do VII Batalhão

**Para quê:** Com esta nota de campo conseguimos facilmente perceber que a cooperação entre Portugal e Espanha nesta missão está em sintonia. Isto porque compartilham o mesmo nível de empenhamento para com os militares Iraquianos, assim como compartilham de procedimentos muito semelhantes na instrução de CAU.

**O quê:** Após a entrevista terminar, o entrevistado confidenciou que quando estive no Iraque chegou um grupo de militares Iraquianos bastante numeroso ao seu BTT e, devido a haver poucos instrutores, integraram no seu BTT instrutores portugueses. O feedback deste militar espanhol foi bastante positivo relativamente aos militares portugueses. Mencionou que a relação afetiva, o modo de treino e como encaram esta missão, estão em plena sintonia. Relativamente aos procedimentos utilizados referiu também que não eram muito diferentes, o que não acontecia com outros exércitos da Coligação, assim como o empenhamento na hora de instruir os militares iraquianos.

### NC 15

**Quem:** Investigador

**Quando:** 191000MAR19

**Onde:** Polígono de CAU

**Para quê:** Com esta observação conseguimos confirmar que os procedimentos utilizados pelos militares desta unidade em CAU, procedimentos esses, que no nosso melhor entendimento, não diferenciavam muito dos procedimentos utilizados em Portugal.

**O quê:** Durante um treino de CAU, no qual tivemos a oportunidade de participar, pudemos constatar que os procedimentos básicos CAU que os militares desta unidade utilizam são semelhantes aos que utilizamos em Portugal, como por exemplo o mesmo procedimento de descrição dos compartimentos. Conseguimos também observar que utilizavam determinadas posições combinadas durante a limpeza de compartimentos, que não são usadas em Portugal (Figura 11). Apesar de genericamente os procedimentos serem parecidos, obviamente existem sempre diferenças. Por exemplo, darem grande ênfase na entrada em compartimentos por parilha.



**Figura n.º 11 - Posições combinadas**

**Fonte: CZZUU 4ª Edição**

## Documentação

Segundo o ATP-99 Urban Tactics é da responsabilidade de cada país criar as suas TTP, os países são livres para adaptar conforme julgarem necessário. O *NATO Urban Operation NATO Training Group Task Group* (NUO NTGTG) foi criado para fornecer à NATO e às Nações parceiras uma publicação para formar bases comuns de táticas urbanas para melhorar a interoperabilidade durante operações urbanas lideradas pelo NATO.

As TTP sugeridas são para ser usadas como base dos membros da NATO e Aliados de modo a criar uma coerência entre todos. Os próprios termos de secção, grupo e pelotão não têm um tamanho definido, e são utilizados como termos genéricos (ATP-99).

Os assuntos relativos ao treino para operações urbanas devem ser especificados na doutrina nacional (*Allied Train Training Publication* (ATrainP)-3 *Education and training for urban operations* (2014)).

A marcação urbana em combate, é essencial para o conhecimento das unidades, por essa razão a marcação é um procedimento padronizado NATO (CZZUU 4ª Edición).

É essencial termos em consideração, que as TTP são lições aprendidas do treino e do combate (TC90-1).

Um POI, destinam-se a fornecer um programa de treino para operações urbanas. Estes POI são um curso de “train-the-trainer”, ou seja, para treinar instrutores, que são comandantes de pelotão ou abaixo, para posteriormente conseguirem treinar TTP de operações urbanas com os seus próprios militares (Anexo C) (TC90-1). No anexo mencionado podemos claramente observar que são linhas orientadoras muito genéricas.

Tendo como base estes POI, também conseguimos observar o quão genéricas são as fichas utilizadas no treino de CAU (Anexo D).

## APÊNDICE J – ESBOÇO DA ESTRUTURA DA EQUIPA DE INSTRUTORES DA BRIGADA EM 2018

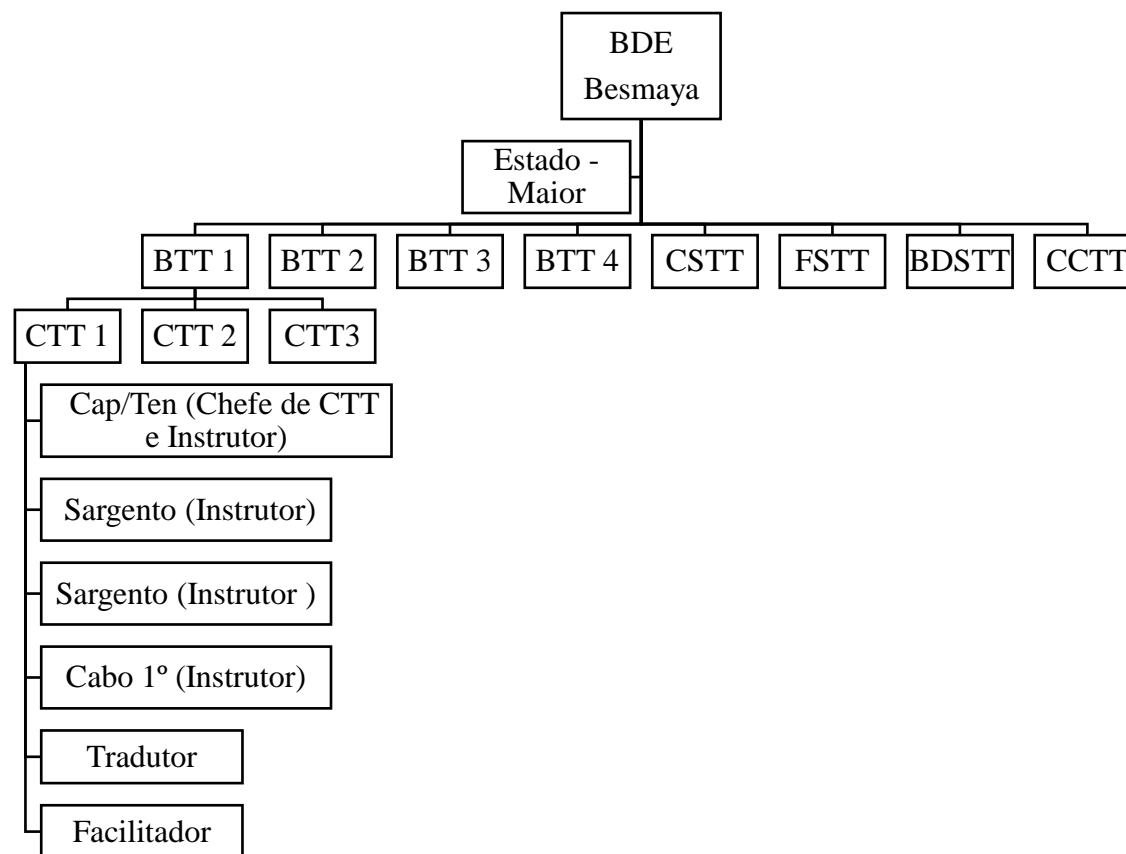


Figura n.º 12 - Estrutura de uma Equipa de Instrutores de Brigada



## APÊNDICE K – APARELHOS DE VISÃO NOTURNA



Figura n.º 13 - AN/PVS 14 Monocular (Fabrico Americano)



Figura n.º 14 - Binocular visão noturna (Fabrico Espanhol)



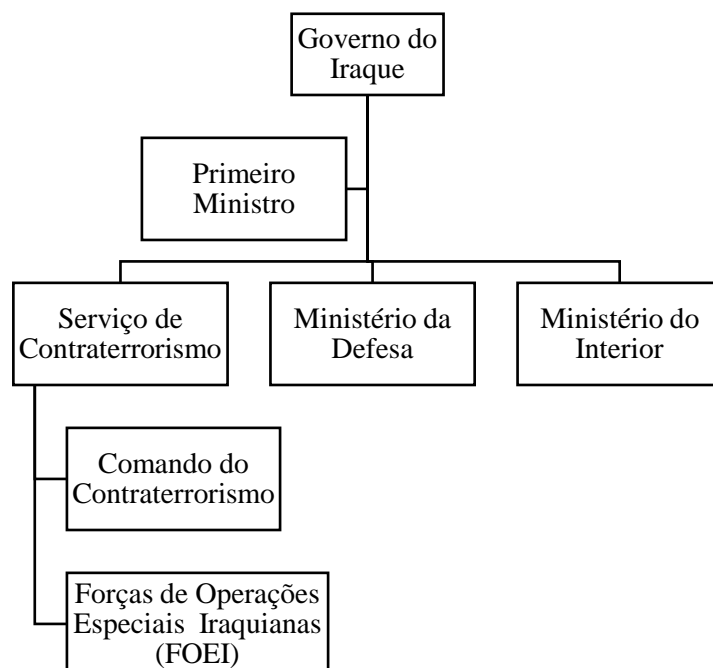
## APÊNDICE L – SALA NEGRA



Figura n.º 15 - Sala Negra

## ANEXOS

## ANEXO A – ESTRUTURA DO SERVIÇO DE CONTRATERRORISMO



**Figura n.º 16 - Estrutura do Serviço de Contraterrorismo**

**Fonte: (Witty, 2015, p. 31)**

## ANEXO B – EMPREGO DE TRADUTORES

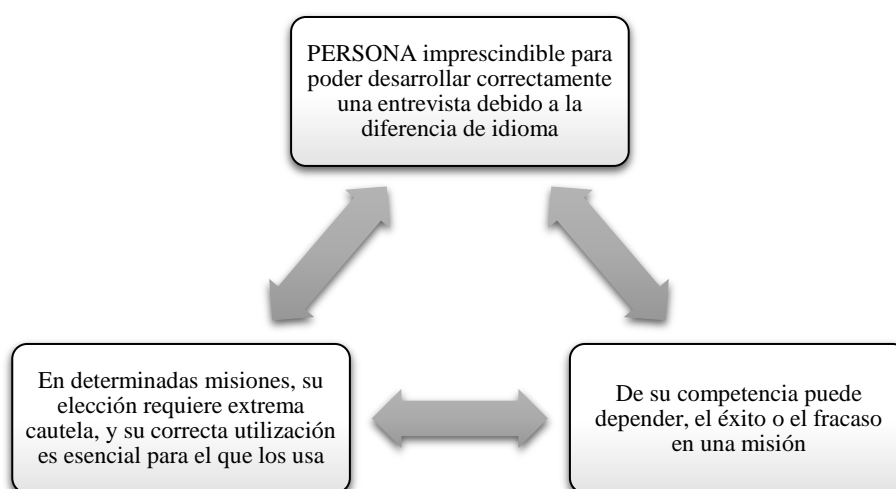


Figura n.º 17 – O que é um tradutor?

Fonte: Caderno de campo dos instrutores

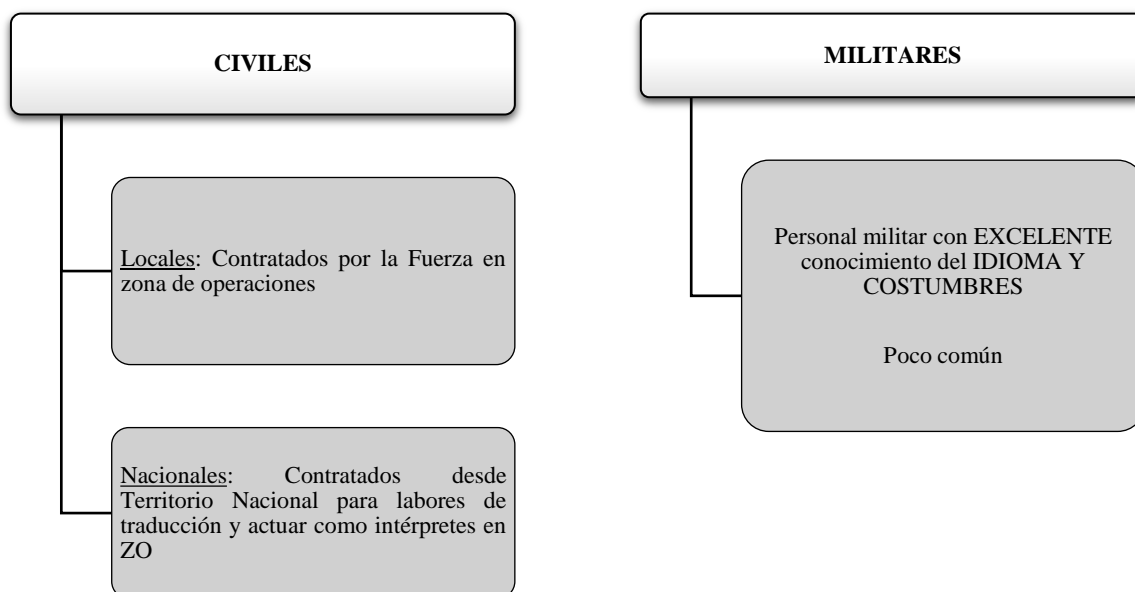
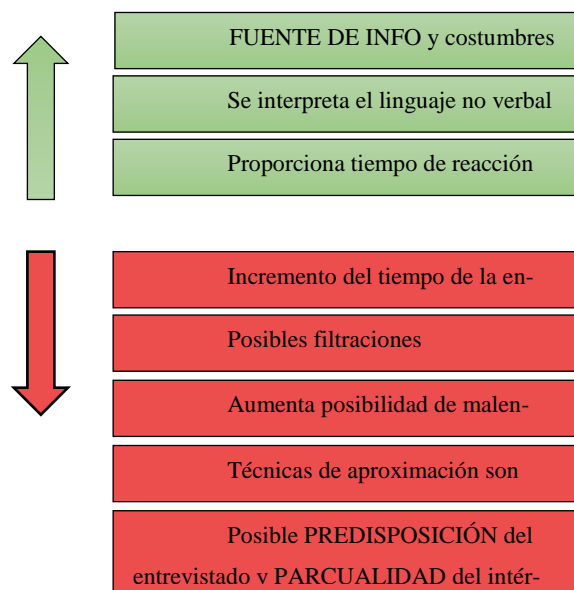


Figura n.º 18 - Classes de tradutores

Fonte: Caderno de campo dos instrutores



**Figura n.º 19 - Vantagens e desvantagens dos tradutores**

**Fonte: Caderno de campo dos instrutores**

- Conocer las razones por las que el intérprete trabaja para nosotros y los riesgos que conlleva para él o su familia.
- Una relación cercana con el intérprete puede llevar a que éste influya en nuestras acciones. Procurar que no sea siempre el mismo intérprete.
- No se puede garantizar la neutralidad del intérprete, por lo tanto se tendrá siempre en cuenta el principio de la necesidad de conocer.
- La mayor fuente de información de los servicios inteligencia hostiles son los intérpretes. Evite tratar asuntos clasificados si el intérprete no tiene la acreditación necesaria.
- El intérprete no debe tener mala reputación entre la población local para evitar presiones e intimidaciones.
- Asegurarse de que el intérprete está bien informado de sus obligaciones y responsabilidades.
- Será correcto en el trato con los intérpretes, pero a la vez firme para evitar que adquiera un protagonismo que no le corresponde.
- No conviene que conozca nuestra postura personal sobre temas conflictivos e importantes, ni tampoco darle demasiados datos personales o familiares propios.
- Evitar usar intérpretes de circunstancias (alguien de la zona que conoce nuestro idioma pero no es intérprete contratado)

**Figura n.º 20 - Considerações a ter em conta com os tradutores**

**Fonte: Caderno de campo dos instrutores**

## ANEXO C – PROGRAMME OF INSTRUCTION (TC90-1 TRAINING FOR URBAN OPERATIONS)

<b>Course Overview</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introduction</li> </ul>	
<b>Precision Marksmanship</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Firing techniques.</li> <li>• Target discrimination.</li> </ul>	
<b>Breaching Techniques</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explosive.</li> <li>• Ballistic.</li> <li>• Mechanical.</li> </ul>	
<b>Offensive Operations</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planning considerations .....</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-- METT-TC.</li> <li>-- Snipers.</li> <li>-- CASEVAC.</li> <li>-- Communications.</li> <li>-- ROE.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Platoon attack a built-up area (task organization).....</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-- Assault (isolate, enter, clear).</li> <li>-- Rooms, hallway, stairs, superstructure, subsurface.</li> <li>-- Markings.</li> <li>-- Movement techniques.</li> <li>-- Streets.</li> <li>-- Alley ways.</li> <li>-- Obstacles.</li> <li>-- Other danger areas.</li> <li>-- Open areas.</li> <li>-- Roof tops.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Combined arms .....</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-- Armor/mechanized platforms.</li> <li>-- Aviation assets.</li> <li>-- Artillery.</li> <li>-- Engineer.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limited visibility</li> </ul>	



## ANEXO D – EXEMPLO DE UMA PROGRAMME OF INSTRUCTION DE COMBATE EM ÁREAS URBANAS UTILIZADA NO IRAQUE

		DATE:	
TASK TITLE: “ADVANCE THROUGH CORRIDORS”		TASK NUMBER	
<p><b>CONDITIONS:</b> The squad can advance through any type of corridor. The squad leader has to take the knowledge about the several kinds of corridor and he must decide the most adequate way of advance.</p> <p>The Coy works in subordinate units. They are distributed between instruction area of R6 and Rock Drill Area. There are 2 hours for learn these procedures:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>1<sup>st</sup> Realize dry exercise in rock drill. Each group spends 30 minutes in this task.</li> <li>2<sup>nd</sup> Each Coy group spends the resting 90 minutes in practice those procedures.</li> </ul> <p><b>TASK STANDARDS:</b> Squad leader has to organize his unit in advance. He has to control all elements and to decide the best method of going on. Finally, the squad has to apply all procedures to move in order to accomplish its mission.</p> <p>According to it they have to clarify one floor although the important task is the corridor movement, the rooms clearance is secondary and quickly.</p> <p><b>ORGANIZATION:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>The Squad starts since building entrance.</li> <li>The mission is the clearance of one floor but the main purpose is the corridor advance. For this fact, the room clearance will be secondary and quick.</li> <li>They repeat this exercise as times as be necessary to make sure the different procedures. They repeat during all session. For this reason, they can coordinate to change of building periodically.</li> </ol>		U7	
I T E M	PERFORMANCE STEP TITLE	<u>GO</u>	<u>NO GO</u>
1	Both teams are well-organized; they carry the adequate materials and equipment.	— —	— —
2	The squad apply the procedure correctly: in L-Junction	— —	— —
3	The squad apply the procedure correctly: in T-Junction	— —	— —
4	The squad is crossing in front of a threat	— —	— —
5	Avoiding accumulate many people in non-secure area.	— —	— —
6	All men know the procedure and they take position correctly.	— —	— —



7	The unit use conventional signals and keep the surprise.	— —	— —
8	Each rifleman has enough individual techniques movement (10cm, rifle position, protection armor...)	— —	— —
9	The buddy team in vanguard is rotated by Squad Leader periodically.	— —	— —
10	The first man is looking for possible IED's.	— —	— —
EVALUATOR'S NAME:		UNIT:	
		STATUS: <b>T P U</b>	